

VOZES em defesa da fé

CADERNO

51

**Mas por que
você não reza
aos Santos?**



EDITORA VOZES LTDA.

Que é um SANTO ?

Fato bem conhecido é que, em regra geral, os católicos prestam honra aos "santos". Quem são os santos e como chegaram a ser santos, eis as questões de que este folheto principalmente se ocupará.

Nem todo aquele que leva uma vida consistentemente santa é chamado um "santo". Mesmo uma vida mais do que normalmente santa ou útil não é qualificação suficiente para isso. Esse título é reservado somente àqueles que, durante a vida, atingiram um grau heróico de perfeição cristã e, depois da morte, foram oficialmente declarados pela Igreja Católica como estando no céu, gozando a felicidade da visão de Deus.

A Igreja Católica declara que só os católicos são santos. Isto não é devido a preconceito, como se ela fôsse cega para a bondade humana fora dos seus próprios muros. Nem é devido a uma exclusiva ocupação com os seus próprios filhos. A bondade humana pode ser achada onde quer que os homens vivam; mas a perfeição cristã só deve ser buscada na verdadeira Igreja de



Jesus Cristo. A Igreja de Cristo foi fundada para fazer santos os homens. Dentro dessa Igreja, e somente dentro dela, pode esse desígnio ser realizado. E' por isto que a vida heróica e integralmente cristã que torna a pessoa um santo só pode ser vivida dentro da Igreja Católica.

Este folheto é escrito sem espírito de crítica para com o vasto número de boas pessoas que vivem suas vidas como não-católicos. Ele é simplesmente uma explicação de um fenômeno inteiramente inusitado e surpreendente que só ocorre dentro da Igreja Católica. Aí, e só aí, são achados os que se qualificam como santos.

No tempo presente, a palavra "santo" em uso católico veio a ter um significado muito preciso e técnico. Também a usa a Bíblia, mas em sentido muito mais lato. O Livro dos Salmos tem um hino que começa assim: "Cantai ao Senhor, ó vós seus santos" (Sl 29, 5). Os santos de que fala essa passagem eram todos os bons Judeus que vinham orar.

S. Paulo usa muitíssimas vezes essa palavra. Começa a sua Epístola aos Filipenses dizendo:

"A todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipes" (Fil 1, 1).

Esse era o modo usual como êle se dirigia a todos os seus convertidos. Ora, deve ser concedido que os primitivos cristãos eram pessoas extraordinariamente boas. Mas nem todos eram tão bons a ponto de merecerem o nome de "santo" no seu sentido presente.

Em Corinto S. Paulo pôde ver com seus próprios olhos que a Igreja tinha no seu seio refinados tratantes, irmãos fracos, usurários, e até mesmo um cristão incestuoso. Contudo, êle se dirigia a êles como a "santos". Era mais em esperança do que em realidade. Com efeito, êle mesmo torna isso claro no começo da sua primeira carta dirigida a êles, quando não lhes chama "santos", mas diz: "vós que fôstes santificados em Cristo Jesus e chamados a ser santos" (1 Cor 1, 2).

Verdadeiramente um Santo

S. Paulo, entretanto, mereceu êsse título na plenitude do seu significado. Tôda a tradição cristã conveio nisso. Isso será achado em todos os exemplares da Bíblia. Examinando a vida dêle e as vidas de alguns outros, logo descobriremos a qualidade essencial da santidade.

Não há dúvida de que Paulo de Tarso foi um homem saliente. Começou a sua obra quando a comunidade cristã era tão pequena que era considerada uma mera seita dos judeus. Paulo, êle

próprio Judeu, empreendeu destruir esta nova "heresia" enquanto ela ainda era uma pequena coisa em Jerusalém e em Damasco e em algumas outras cidades.

Terminou a sua obra uns trinta anos depois, numa úmida prisão romana, como o principal organizador de comunidades cristãs. Por êsse tempo a Igreja Cristã era um movimento religioso mundial. Paulo podia olhar para Corinto e Tessalonica, Filipes e Boerea, e na verdade para tôda a Grécia; para Êfeso, Antioquia de Psídia, e para todo o interior da Asia Menor; provavelmente também para a Espanha e para a própria população romana, e dizer: "Eis aí a minha obra".



Hoje Corinto, Filipes, Êfeso e muitas das outras cidades a que as suas Epístolas foram dirigidas jazem em ruínas. Porém a influência de Paulo perdurou mesmo quando as igrejas que êle fundara deixaram de existir. As suas instruções perduram e mo-

delam hoje as vidas dos homens. Ele tratou de quase tôdas aquelas idéias transtornadoras que o Cristianismo trouxe aos homens, e fê-lo com tanta profundez, que os homens ainda pesam as palavras dêle com precisão erudita para lhes avaliarem o último significado.

Ainda mais a êle é devido. Organização de igrejas é coisa importante, porém ainda mais o são explanações da doutrina católica. Mas tudo ter-se-ia em breve perdido se o amor de Paulo à verdade não tivesse sido a faísca de ignição que pôs um mundo em fogo.

Ele foi, com efeito, um grande homem, um dêsse punhado de gênios cuja obra modelou o nosso mundo. Por esta razão o respeitamos. Mas não é por isso que lhe chamamos "São" Paulo.

Ele foi um santo porque foi um santo homem, e não por ser um grande homem. Quase a metade da sua vida como cristão êle a passou sozinho, aperfeiçoando o seu caráter. Depois da sua conversão, retirou-se para o deserto da Arábia, e durante catorze anos deu-se a contemplar as coisas de Deus. E quão profundamente penetrou êsses mistérios, isto torna-se evidente pelo seu próprio relato.

"Se alguém deve gloriar-se (o que na verdade não convém), tocarei agora nas visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi assim arrebatado (se no corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) até ao tercei-

ro céu. E sei a respeito dêsse homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe), que êle foi arrebatado ao paraíso, e ouviu palavras misteriosas que aos homens não é permitido referir" (2 Cor 12, 1-4).

Paulo, por certo, aí fala do seu próprio eu, mas a sua santa humildade não lhe permite mencionar-se a si mesmo diretamente. E, por êsse esforço cotidiano para se esvaziar de si mesmo e procurar somente a Deus, é que êle veio a ser santo.



Zeloso como era da sua própria santificação, êle era obrigado a tornar-se zeloso da dos outros homens. Anos mais tarde êle havia de enumerar o que lhe custara trabalhar pelos outros.

"Dos Judeus recebi cinco quarentenas de açoites menos um. Três vêzes fui açoitado com varas; uma vez fui apedrejado, três vêzes naufraguei, uma noite e um dia estive no fundo do mar. Em

gos de rios, em perigos de ladrões, em perigos dos da minha nação, em perigos da parte dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos. Em trabalho e em fadiga, em muitas vigílias, com fome e sede, em freqüentes jejuns, em frio e nudez. Além destas coisas, que são exteriores, a minha preocupação cotidiana, o cuidado de tôdas as igrejas" (2 Cor 11, 24-28).

Um gênio poderia ter dito isso jactanciosamente, mas Paulo era um santo. Narrava êsses sofrimentos heróicos com simples e absoluta humildade, côncio do seu lugar diante de Deus.

"Pela graça de Deus sou o que sou, e a sua graça em mim não 'oi vã — de fato trabalhei mais do que qualquer um dêles, porém não eu, e sim a graça de Deus comigo" (1 Cor 15, 10).

Talvez que a descrição mais fiel do santo emergja da sua carta aos Filipenses. Ela foi escrita de uma prisão em Roma por um velho que encarava a perspectiva da morte. Ela tem uma nota tônica simples, quase alegre — Alegrai-vos! Era Paulo quem consolava os Filipenses, e não êstes a êle. Êle solicitamente lhes agradecia o seu interêsse por êle, dizia-lhes de novas conquistas para Cristo feitas mesmo na prisão, concitava-os a serem humildes, e novamente se rejubilava de que a vontade de Deus estivesse sendo feita. Êsse mártir alegre era um santo.

que nós chamamos a Paulo "santo". E' por aquela combinação extraordinária de tôdas as virtudes cristãs na sua vida, a qual se originou da graça de Deus nêle.

Santidade

Os homens e as mulheres que a Igreja Católica chama pelo título de "santos" são legião. Vêm de tôdas as condições de vida, e as suas vidas foram vividas em tôdas as circunstâncias concebíveis. Porém uma só coisa é comum a todos: êles foram sobre-humanamente bons.

Dois dêles darão alguma idéia do denominador comum que há no meio dessa mais apurada diversidade. O primeiro dêles foi um homem a quem o mundo certamente consideraria santo. Foi um sacerdote francês do século dezesete, Vicente de Paulo. De linhagem simples, camponês, êle era metódico e perseverante nos seus costumes; mas tinha o gênio da organização. Estêve entre os primeiros e possivelmente entre os maiores dos que nos tempos modernos trabalharam pela melhoria social dos pobres e desprivilegiados.

O que êle realizou, com dificuldade pode ser dito brevemente. Começou, num domingo, por pedir à sua congregação levar alimento a uma família doente. O seu apêlo foi tão eficaz, que os paroquianos necessitados foram inundados de gêneros perecíveis — para novamente só sentirem falta quando a súbita abundância se houvesse gasto ou estra-

gado. Vicente de Paulo pôs-se a traçar um simples mas exequível plano de socorro contínuo que foi efetivo, mas não impessoal.



S. Vicente de Paulo

As pequenas crises que êle depa-rou levaram-no a crises em mais larga escala, as quais determinou atacar. Passo a passo sentiu o seu caminho. Os ricos êle os atraía a si, e então, por amor de Deus, despojava-os da sua riqueza supérflua para alimentar os pobres. Aos pobres, alimentava; aos órfãos, abrigava e vestia; fundou instituições para meninos aprenderem um ofício; mo- cinhas eram providas de um ho- nesto meio de vida e de uma opor- tunidade para se casarem; mu- lheres decaídas eram reconduzidas à decência; os hospitais eram en- chidos de trabalhadores voluntá- rios. A sua obra caritativa cres- ceu tanto, que, uma vez, durante uma guerra civil na França, êle alimentou e vestiu parte conside- rável do país. Tornou-se um he-

rói nacional, e a sua estátua er- gue-se entre as dos imortais do seu país no Panteão de Paris.

Mas Vicente de Paulo não foi apenas um homem que se doía pe- lo seu próximo por estar êste mal alimentado e mal vestido. Doía-se mais por levar êle má vida. Sabia que muitos não eram deliberadamente maus; mas eram ignorantes, e careciam daquele contacto com a religião que po- deria fazê-los melhores. Por isto organizou o seu ataque à igno- rância e à fraqueza. Enviou aju- dantes adestrados a pregarem à gente pobre e abandonada da zo- na rural. E empreendeu reform- ar a gente mais importante de tôdas, o clero, que deveria ser o reformador.

Humildade

Qualquer um, com simpatia hu- mana, católico ou não, conhece- ria Vicente de Paulo pelo que êle era — um homem boníssimo. Mas Vicente de Paulo pensava de si mesmo de modo inteiramente di- verso. Considerava-se, honesta e surpreendentemente, como o maior dos pecadores. Os outros podiam ficar surpreendidos ante todo o bem que êle realizava; êle, po- rém, estava inteiramente aterra- do. E sempre dizia que não era êle quem fazia tôdas aquelas coi- sas, mas sim o bom Deus, que uti- lizava os mais fracos e mais des- prezíveis agentes humanos que po- dia achar. Por isto é que êle foi mais do que um homem simples- mente bom e é honrado como um santo.

Agora olhemos para outro lado da santidade. A Igreja Católica honra como santo outro natural da França, desta vez uma jovem que viveu no século passado. Ela não fêz nada para ajudar seus semelhantes; nada, absolutamente, que o não-observador pudesse ver. Morreu quando tinha apenas vinte e quatro anos. Quase tôda a sua vida adulta passou-a em completa obscuridade por trás dos muros de um convento. Não houve cestas de comida vindas dela, não houve doentes reconduzidos à saúde, não houve crianças pobres ensinadas na escola. Ela quase não teve ligação com isso que é chamado "caridade".



Sem dúvida, o povo admitiria que ela passava uma boa vida por trás das paredes do seu convento. E muitos diriam que a sua vida era uma vida inteiramente inútil. Destarte, por que então a Igreja Católica a honra como uma santa?

Ela foi um gênio em levar um ser humano ao cume da perfeição — levou-se a si mesma. Foi ardente no amor a Deus como outros são ardentes no amor aos seres humanos. Dia por dia esforçava-se por se tornar mais humilde, mais resignada à vontade de Deus, mais interessada nas coisas que lhe conviriam para ir viver no céu.

Sem dúvida, fazendo isto, na realidade ela ajudava enormemente os outros. Esse, de fato, era o seu único interesse real, querendo chegar ao céu quanto antes. Dizia que poderia fazer mais bem às pessoas quando lá estivesse. E estava desejosa de fazer tôda sorte de bem ao povo; não sòmente a algumas pessoas de quem ela gostava, mas a cada um. Embora vivesse tôda a sua vida adulta no interior de um edifício, os seus negócios foram tão largos quanto o mundo.

Poder da oração

O modo como isso se efetuou não pode ser descrito tão nitidamente como no caso de S. Vicente de Paulo. O processo foi completamente sobrenatural. Teresinha ajudava os outros rezando por êles. Ora, todo ser humano reza, e Deus o escuta. Às vêzes os resultados da oração são inteiramente assombrosos. Mas, quando Teresinha rezava, os resultados eram ainda mais assombrosos. Missionários em terras longínquas sùbitamente achavam possível a conversão. Os fracos e desesperados em casa achavam

uma fortaleza que não haviam suscitado. Tudo isto vinha das orações de uma "inútil" mulher num convento.

Mais uma vez está presente o denominador comum. Teresinha nunca pretendeu que essa admirável santidade e eficácia na oração fôsse devida a algum gênio especial de sua parte. Era devida a Deus, que realizava tudo. Para si mesma ela teria recolhido o completo nada.

Aqui, pois, está uma nota comum da maior importância para mostrar por que razão a Igreja Católica honra como santos alguns dos seus filhos e filhas. Os santos são certamente boas pessoas e, de um modo ou de outro, fazem bem aos outros. Mas esta não é a razão exata pela qual são chamados santos.

Graça generosa

Há muitas pessoas neste mundo que fazem maravilhas pelos seus semelhantes. Às vezes têm em mente motivos religiosos; às vezes são benfeitores profissionais que só têm em mente a sua própria publicidade. Algumas delas são lançadas no trabalho em favor do seu próximo como uma justificação mais propriamente desesperada para a sua vida; querem deixar este mundo como um lugar um pouquinho melhor do que o encontraram. E algumas absolutamente não têm religião. A Igreja Católica certamente não é insensível para com aqueles que são sinceros nos seus esforços; mas nunca imagina que

êles sejam santos. A santidade é uma surpreendente espécie de bondade, perfeita e completa, transbordante de boas-obras somente por causa da graça dada por Deus, a qual torna tudo isto possível.

Às vezes, com efeito, os católicos ouvem este protesto: "Essa vida de um santo apenas não é natural". As vidas dos santos que se deram inteiramente à oração, particularmente entre êles as santas, parecem impressionar os incrédulos como sendo vidas anormais e entortadas.

Realmente, as vidas dêles não são naturais. Este é precisamente o ponto da santidade. As virtudes dos santos estão tão acima da capacidade de realização humana como o céu está além do alcance desajudado de homens naturais.

E imediatamente devemos dizer entendermos que as vidas dos santos foram sobrenaturais, e não naturais. Não havia nada de secreto e de torto nas suas personalidades. Eles não eram, como os maliciosos gostam de suspeitar, almas torturadas que se crucificavam por medo. Eram alegres, sobretudo. Eram inteiramente felizes. Tinham desenvolvido no mais alto grau possível as potências da natureza humana que o vulgo muitas vezes não suspeita que êles tenham. Eles tinham as mais ricas personalidades.

Dada por Deus

Um fato curioso pode ser visto em muitas das mais antigas

vidas dos santos. As vêzes dizia-se que o futuro santo proferira uma prece apenas nascido; outras vêzes dizia-se que êles tinham sido milagrosamente transportados à igreja para poderem orar. O historiador metódico de hoje poderia ter grande dificuldade em averiguar tais histórias; o povo das épocas mais simples aceitava-as sem comentário. Isso parecia ser justamente a espécie de coisa que deveria ter acontecido a um santo, e, se realmente acontecera ou não, isto fazia pouca diferença.

Há talvez nisto um ponto que não deveríamos deixar de notar. A santidade é sempre sobrenatural — divinamente dada. A bondade meramente natural não é santidade. Só quando a bondade se torna tão perfeita e tão extraordinária que fica além de explicação natural é que temos a santidade real. Pelo seu conteúdo maravilhoso, as velhas histórias procuravam apenas criar a impressão da intervenção de Deus. Esse era o ponto real, de qualquer modo.

E êste é o denominador comum que apontamos nas histórias de S. Paulo, S. Vicente de Paulo e Santa Teresinha do Menino Jesus. Não é que êles fôsem boas pessoas, ou pessoas largamente bem sucedidas em assuntos religiosos. E' que êles

eram tão bons, que a única explicação para isso era que o dedo de Deus estava, sem dúvida, sobre êles. Êles eram sobrenaturalmente bons.

Mas a bondade sobrenatural não é tudo o que se necessita para ser um santo. O que, além disso, se necessita é um pronunciamento oficial sobre a matéria. Quem dirá quando é que um homem passa a linha divisória entre esforçar-se por ser bom e a santidade sobrenatural? Só pode fazê-lo um juiz oficialmente designado. Esse juiz é a Igreja Católica.

O método pelo qual a Igreja Católica julga se uma pessoa é verdadeiramente um santo é chamado "canonização". Isto significa que a pessoa atende a certos requisitos e o seu nome é digno de ser inscrito na lista ("cânon") dos santos.

Antes desta declaração, ninguém pode ser honrado com orações públicas. A persuasão privada, individual, sobre isso é outra questão. Se um católico está no céu, então certamente pode ajudar os outros aqui na terra pela sua influência junto a Deus. Mas, para a Igreja em geral, deve haver sobre isso certeza para todos, e essa certeza só pode vir com a solene declaração de santidade formulada pela Igreja Católica.

A SANTIDADE vem de Cristo através da sua Igreja



Muito pouca coisa disse Jesus Cristo sobre o modo como fazer do mundo um lugar melhor para se viver. Disse muita coisa sobre como fazer melhor a gente que nele vive.

De fato, ele disse que os homens deviam ser perfeitos. "Vós, pois, sêde perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5, 48). Não simplesmente bons mas perfeitos.

Ensinou ao gênero humano um modo de vida verdadeiramente surpreendente. Não disse simplesmente que os homens deviam ser generosos; disse: "Aquele que vos pede dai, e daquele que vos pede emprestado não torneis a receber" (Mt 5, 42). Aos seus discípulos disse simplesmente: "Vendei o que tendes e dai esmolas" (Lc 12, 33).

Ele não se contentava com as pessoas que davam à religião uma "razoável" soma de atenção. Disse: "Aquele que ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim" (Mt 10, 37). Considerou ninharias as coisas de que mais gostamos na vida.

Não se contentou com dizer aos homens arranjarem-se uns com os outros. Desdenhou uma bondade que só ia até os próprios amigos. Assim até mesmo o pagão era bom, dizia ele. O seu mandamento foi: "Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam" (Lc 6, 27).

Uma vez ele pregou um sermão que ficou conhecido como o Sermão da Montanha. Este é um plano muito extraordinário de perfeição humana. Sêde benignos, disse ele; a ninguém odieis. Sêde puros, não só em respeitardes a mulher do vosso próximo, mas até mesmo nos vossos pensamentos e desejos. Não vos preocupeis com as coisas terrenas; buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e Deus cuidará das vossas necessidades.

E fez uma comparação: "Se a vossa justiça não fôr maior do que a dos Escribas e dos Fariseus, não entrareis no reino dos céus" (Mt 5, 20). Ora, os Escribas e os Fariseus eram geralmente considerados boas pessoas. Cristo disse que todos os homens devem ser melhores do que eles; consideravelmente melhores, quis

êle dizer. Devia ser difícil para os seus ouvintes imaginar o gênero humano todo sendo melhor do que os Escribas e os Fariseus, aquêles homens que faziam da religião profissão.

Mui difícil tem sido para os homens modernos imaginá-lo. De fato, os mais recentes críticos de Cristo disseram que êle não teve em mente isso como um modo de agir estável; é de supor terna êle pensado que o mundo chegaria a um fim em poucos anos, e propôs êsse heróico modo de viver para o breve tempo restante. Porque certamente, dizem êles, nenhum homem, em sua reta razão, poderia esperar que os mortais vivessem conformemente ao ensino do Sermão da Montanha.

Êles têm alguma razão nisso. E' impossível aos homens serem tão completamente bons por si mesmos. Cristo sabia disso.

Para serem perfeitos, os homens precisam de uma inspiração, do auxílio de Deus, e de uma causa. Por si mesmos êles nunca viverão como quer o Sermão da Montanha e os outros ensinamentos de Cristo. E' uma impossibilidade, e Cristo não pediu o impossível. Mas pediu que êles usassem os meios que êle deu para tornar isso possível.

Antes de tudo deu-lhes um exemplo que poderia inspirá-los. Praticou tôdas as virtudes que pregou, e praticou-as de um modo que os homens pudessem entender, e, entendendo, desejassem fazer assim também.

Uma grande virtude

Êle era indulgente com os seus amigos. Foi paciente com Pedro e com os outros, que eram tão tardos em compreender o seu ensino. Sustentava-os com os magros recursos que lhe eram dados por amigos seus. E morreu por êles. "Maior amor do que êste ninguém tem, de dar a vida pelos seus amigos" (Jo 15, 13).



Amou também os seus inimigos. Nunca recusou perdão aos penitentes. A mulher pecadora de Magdala não foi expulsa da presença dêle porque a sua vida era tudo quanto a sua pregação contradizia. Êle não ameaçou com o fogo do inferno e com a condenação Pilatos que o condenou à morte. Não teria parte no desejo dos seus Apóstolos de que os Samaritanos fôsem varridos da face da terra. E, mesmo quando os seus mais ferrenhos inimigos o haviam cra-

vado na cruz e apreciavam a sua morte lenta, êle rogou a seu Pai celeste se dignasse de perdôá-los.

Foi pobre, não porque não pudesse ter uma vida boa, mas porque precisava identificar-se com as gerações de humanidade oprimida que também foram pobres. Conhecia os sofrimentos delas, os seus males, as suas tristezas, e fêz tudo o que pôde para ajudá-las. Quantas vêzes as suas mãos se pousaram sôbre os doentes para os curar! quantas vêzes Ele expulsou o demônio de corpos torturados! E a própria morte não foi obstáculo à sua bondade, como quando êle restituiu a vida ao filho da viúva de Naim.



Mas o que de tudo era mais surpreendente era a sua mansidão e humildade. Lembre-se de que aquêle homem não era apenas um ser humano como você ou como eu. Era o próprio Deus. Tinha feito êste mundo e

cada coisa que nêle existe. Poderia ter vindo à terra com poder e majestade, varrer tudo diante de si e aniquilar todos os que ousassem se lhe opor. Mas, em vez disso, "aniquilou-se a si mesmo, tomando a natureza de servo e fazendo-se como um dêles. E, aparecendo em forma de homem, humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz" (Fil 2, 7-8).

Depois disse: "Tomai sôbre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis repouso para vossas almas". E depois acrescentou ainda mais surpreendentemente: "Porque o meu jugo é suave e o meu fardo leve" (Mt 11, 29-30).

Como pode ser suave êsse jugo? Como podem os homens ser mais santos do que jamais o pensaram possível? Só o podem seguindo o exemplo de Cristo, que é toda a santidade.

Todavia, o exemplo não é tudo. Por séculos os homens souberam como as aves voam, e no entanto não puderam seguir-lhes o exemplo. Era necessária a força. Depois que a máquina a vapor se desenvolveu, então os homens aprenderam a voar. Os homens só podem esperar galgar as alturas da santidade quando descobrirem a ajuda de uma força maior do que a que êles acham em si mesmos sôzinhos.

Homens como Mahatma Gandhi viveram vidas boas, mas não vieram depois dêles milhões de outros para lhes imitarem com êxito o exemplo. O exemplo sô-

zimo an estava; mas a força para viver conforme êle faltava. E' por isto que só o Cristianismo tem produzido santos, porque os Cristãos acreditam no poder dado por Deus para que êles se tornem santos.

Meios de santidade

Esse poder vem da redenção que Cristo trouxe. Cristo venceu o pecado, remiu-nos da escravidão do demônio, e trouxe o dom de "graça", como nós lhe chamamos (e a Bíblia também), para nos ajudar a sermos santos. Essa graça é um dom especial de Deus que nos coloca, para trabalhar, num plano mais alto do que o plano natural. Ela só vem através de Cristo.

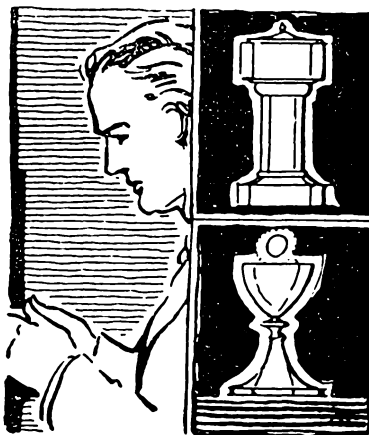
S. Pedro conheceu bem isso. Concitou os homens a "apetecer o puro leite espiritual, para por êle crescerdes para a salvação. Chegando-vos para êle como para a pedra viva, reprovada, é certo, pelos homens, porém escolhida e honrada por Deus. Vós também, como pedras vivas, edificai-vos sôbre ela, casa espiritual, sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo" (1 Ped 2, 2-5).

S. Paulo resume tôdas as suas instruções sôbre a santidade dizendo aos seus convertidos que êles devem chegar à "unidade da fé e do profundo conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem perfeito, à medida da idade da plenitude de Cristo" (Ef 4, 13).

Ambas essas passagens nos dizem que devemos crescer constantemente em santidade. E dizem nos que o único modo como podemos fazer isso é indo a Jesus Cristo e obtendo a força de que precisamos.

Os Sacramentos

E' importantíssimo averiguar Jesus Cristo forneceu algum meio para ajudar os homens a atingir essa "medida da idade da pl



nitude de Cristo". Se o fêz, foi que êle deixou como fonte de graça?

Antes de tudo, deixou os Sacramentos. Estes são os sete ritos a que chamamos: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Extrema-Unção, Ordem e Matrimônio. Estes são os canais através dos quais êle dispensa graça auxílio espiritual para tôdas as nossas necessidades, do berço ao túmulo.

Deitemos um olhar ao Batismo. Jesus disse: "Se o homem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" (Jo 3, 5). Da Eucaristia, êle disse: "Eu sou o pão de vida... Este é o pão que desceu do céu, para que, se alguém dêle comer, não morra. Eu sou o pão vivo que desci do céu. Se alguém comer dêste pão viverá eternamente; e o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo" (Jo 6, 48, 50-52).

Da Extrema-Unção, o Apóstolo Tiago escreve: "Alguém entre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja, e rezem êles sôbre êle, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o doente, e o Senhor curá-lo-á, e, se êle estiver em pecados, êstes ser-lhes-ão perdoados" (Tgo 5, 14-15).

A tradição cristã tem chamado a êsses ritos "sacramentos". "Sacramento" é uma palavra latina que quer dizer uma coisa que torna alguém santo. Os Sacramentos de Cristo é que são a causa primária da santidade nos seres humanos.

Igualmente importante para fazer os homens santos é o sacrifício que êle nos deixou. O sacrifício é uma coisa importante na vida dos homens. Não falamos aqui dos muitos sacrifícios diários que nós todos temos de fazer para sermos bons. Antes, queremos dizer o ato religioso — o Sacrifício pelo qual publicamente reconhecemos que Deus é o Senhor e Dominador de todos, para pedir o seu perdão para os peca-

dos que havemos cometido, para obter o auxílio de que precisamos, e para lhe agradecer todos os benefícios de que êle nos tem cumulado.

Sem tal sacrifício, a nossa vida em relação a Deus é pobre e claudica. É verdade que Cristo ofereceu perfeitamente tal sacrifício quando morreu na cruz. Êsse foi o único sacrifício que para sempre redimiou os homens. Mas que fazemos das suas palavras na Última Ceia: "Todos vós bebei dêle; pois êste é o meu sangue do nôvo testamento, que é derramado por muitos para a remissão dos pecados" (Mt 26, 28). E: "Isto é meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim" (Lc 22, 19). "Fazei isto em memória de mim": isto só pode significar que os Apóstolos e seus sucessores de todos os tempos devem perpetuar êsse rito como um sacrifício que opera a remissão do pecado. Isto é algo de essencial para nos tornar santos.

Tôda a verdade

Os homens nunca serão santos se não forem ensinados a fazer o que devem fazer. Certamente o ensino de Cristo foi santo. Tôdas as gerações têm reconhecido a sua pregação como a suprema regra de vida. Não há nela nada falso, nada que possa afastar de Deus.

Isto é até surpreendente. Nós, seres humanos, estamos acostumados a opiniões que são compostas de bem e de mal. Sabemos que nenhum homem pode falar longo tempo sem dizer algo que é falso. As possibilidades de

sim a doutrina de Cristo. Esta é toda verdadeira, inatacavelmente verdadeira a todos os respeito.

Nem toda interpretação daquilo que Cristo ensinou é certa. A coisa exata que ele disse e o modo que ele teve em mente é o certo; o contrário é errado. Vinte séculos de erro esporádico da parte de alguns cristãos têm mostrado como os homens podem errar ao interpretarem o que Cristo quis dizer.

Alguns pensaram que, pelo fato de haver dito que os homens deviam ser mansos, ele entendia que eles nunca deveriam defender-se, e deveriam morrer como cordeiros antes que levantar a mão para deter a espada da opressão e da injusta agressão. Outros tiveram a estranha noção de que, por haver ele, numa maneira oriental de falar, aconselhado que deveríamos arrancar fora o nosso olho se ele nos escandalizasse, seria direito para um homem mutilar-se fisicamente para toda a vida, a serviço de Cristo. Outros, ainda, pensaram que, por haver Cristo dito que morria pelo pecado dos homens, os homens não poderiam fazer nada para se ajudarem a salvar-se; que, na verdade, era presunçoso da parte deles tentarem-no, e que, do mesmo modo, poderiam eles cometer toda sorte de pecados que quisessem enquanto se sentissem seguros de ser salvos por crerem em Jesus Cristo.

Jesus Cristo não poderia ter ensinado todos esses grosseiros exageros como meios para a santidade. A própria natureza contraditória deles e os maus resultados que eles têm produzido provam que eles não poderiam ter vindo dele. Aquêle que era tão sábio certamente proveu a que o seu ensino não fosse viciado pela falsidade.



Certamente ele tomou tal providência. Estabeleceu a sua Igreja. Essa Igreja devia ser divinamente guiada, de modo que não cometesse nenhum engano em transmitir sem erro o seu ensino.

Nada é mais claro, pelos Evangelhos, do que isso. Ele disse: "Ide, pois, e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observarem tudo o que eu vos mandei; e eis que eu estou convosco todos os dias

até a consumação dos séculos" (Mt 28, 19-20).

Tão oficial devia ser esse ensino, que ele disse: "Se teu irmão pecar contra ti, vai e mostra-lhe a sua falta, entre ti e ele sozinho. Se ele te escutar, terás ganhado teu irmão. Mas, se ele não te escutar, toma contigo um ou dois mais, de modo que sobre a palavra de duas ou três testemunhas cada palavra possa ser confirmada. E, se ele recusar ouvi-los, apela para a Igreja; mas, se ele recusar ouvir até mesmo a Igreja, seja ele para ti como o pagão e o publicano. Em verdade vos digo, tudo o que ligardes na terra será ligado também no céu; e tudo o que desligardes na terra será desligado também no céu" (Mt 18, 15-18).

Foi somente à sua Igreja que ele confiou a obra de ensinar essa doutrina que faria os homens santos.

Ora, olhe de novo para essa primeira citação: "Ensinai todas as nações". Ele não disse isso a todos; disse-o somente àqueles que eram oficialmente designados para ensinar. S. Paulo diz que ninguém pode pregar se não foi enviado (Rom 10, 15). O poder de fazer santos os homens ensinando-lhes a verdadeira doutrina de Jesus Cristo só é achado na Igreja que Cristo oficialmente incumbiu de pregar.

Autoridade divina

Deve essa Igreja ter poder para fazer leis que ajudarão a tornar os homens melhores. Cristo disse que todos podem adorar a

Deus. Não disse como, quando ou quantas vezes. Mas a sua Igreja diz: "Indo à igreja e assistindo ao Sacrifício da Missa nos domingos e dias santos". Muitas leis como essa são necessárias para indicar os meios e modos de nos fazermos santos.

A Igreja, e só ela, tem autoridade para fazer tais leis. Cristo disse: "Em verdade vos digo (a vós os oficiais da minha Igreja), tudo o que ligardes na terra será ligado também no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado também no céu". De semelhante modo, a administração dos sacramentos foi confiada aos oficiais da Igreja.

Eis aqui, pois, o poder de fazer os homens santos — a Redenção de Cristo que é aplicada aos homens através dos Sacramentos, do Sacrifício da Missa, do verdadeiro ensino da doutrina de Cristo, e da feitura de leis que seguramente levarão ao céu.

Não é encargo deste folhetim mostrar, além de dúvida razoável, que essa Igreja que Jesus Cristo fundou é a Igreja Católica como existe hoje. Esta prova completa deve ser achada em livros e folhetos escritos para esse fim específico.

A verdadeira Igreja

O que, no entanto, é claro é que hoje a Igreja Católica, e só ela, conserva todos esses meios de fazer os homens santos, dos quais Cristo quis que os homens fruissem. Só ela ainda conserva os sete Sacramentos de Cristo; só ela continua a celebrar o Sa-

o verdadeiro ensino de Cristo em tôda a sua plenitude e perfeição; só ela faz leis que nunca afastam o homem de Deus.

Tôdas estas coisas são de todo evidentes pela história. Pelas idades a fora, tem sido a Igreja Católica que tem ensinado os homens a serem melhores e a buscarem a perfeição. Essa Igreja civilizou os bárbaros europeus e ensinou a santidade aos romanos degenerados, nas primeiras idades do Cristianismo. Hoje, por exemplo, ela se prova conspicuamente reta e santa em sustentar a santidade do matrimônio e em se opor ao divórcio. Mais ainda, ela tem dado aos seus membros a força de viverem de acôrdio com essas estritas leis do matrimônio e a acharem neste um ideal que encontra sua última expressão como sendo um Sacramento.

Nem uma só vez em vinte séculos essa Igreja foi achada ensinando os homens a fazerem o mal ou a serem tolhidos no seu acesso à vida. As suas leis têm sido justas e santas. Às vezes os homens que têm administrado as leis têm sido coisa mui diversa de santos. Mas isso tem provado a verdade implícita de que mesmo os seus membros ímpios não foram capazes de destruir o seu íntimo poder santificador. Nenhum lhe alterou jamais as leis ou a doutrina a fim de justificar alguma espécie de mal-fazer ou de fanatismo.

sui os meios de santidade dados pelo seu Fundador, Jesus Cristo. E' por isto que só a Igreja



Católica pode fazer os homens santos. Dentro em pouco veremos o que daí adveio, que resultados se produziram. Aqui queremos apenas repetir que a Igreja Católica é a organização fundada por Jesus Cristo para trazer a santidade ao mundo.

Lógicamente se segue que tôda santidade é a ela devida. Bastante fácil é ver que tôda parcela de verdade e a santidade completa devem remontar a Jesus Cristo de uma forma ou de outra. Só êle é o perfeito modelo de virtude e a fonte do poder que eleva os homens acima da sua virtude natural. Mas êsse poder êle o deu à sua Igreja, e esta, também, através dêle, é a fonte da santidade.

Dissemos que a Igreja Católica só canoniza católicos. A sua

missão é pronunciar-se sôbre aquêles que utilizaram os seus podêres. Também foi dito que outros afora os católicos podem levar vidas boas. Isto é inteiramente evidente no mundo à volta de nós. Mas, se êsses são santos, é por se haverem de algum modo beneficiado da Igreja Católica.

Jesus Cristo não fundou nenhuma outra Igreja afora a Igreja Católica. Não há outro meio de salvação fora dela.

«Um só rebanho...»

“E haverá um só rebanho e um só pastor”, disse o Salvador (Jo 10, 16). Mas êle fêz preceder isso dizendo: “Outras ovelhas eu tenho que não são dêste aprisco. Essas também devo trazer, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor” (Jo 10, 16). Por meios inteiramente misteriosos para serem compreendidos pela mente humana, Deus atrai a si todos os homens. Muita coisa do cristianismo que a Igreja Católica desde o princípio ensinou ainda é conservado por seitas não-católicas, e tem o poder de santificar.

Mas não é o intacto ensino e poder de Cristo. E’ fraco, e os seus efeitos não são tão fortes como os da Igreja Católica.

Em recente carta ao mundo o Papa Pio XII dizia: “Como sabeis, Veneráveis Irmãos, desde o comêço do nosso Pontificado confiamos à proteção e guia do céu aquêles que não pertencem à organização visível da Igreja Católica, solenemente declarando que, a exemplo do Bom Pastor, nada desejamos mais ardentemente do que tenham êles a vida e a tenham mais abundantemente.

A porta está aberta

“Com coração transbordante de amor pedimos a todos e a cada um serem prontos e prestos em seguir os movimentos interiores da graça e procurarem sair dêsse estado em que não podem estar seguros da sua salvação. Porquanto, mesmo se sem o suspeitarem, em desejo e resolução êles estão ligados ao Corpo Místico do Redentor (a Igreja Católica), ainda permanecem privados de tantos dons e auxílios preciosos do Céu, que só podem desfrutar-se na Igreja Católica.

“Com perseverante oração ao Espírito de amor e de verdade, de braços abertos esperamos que êles voltem, não a uma casa estranha, mas à sua própria casa, à casa de seu Pai” (Encíclica *Mystici Corporis*, n. 100).

Mostre-me os seus Santos!

Asseveramos, e a muitos pode parecer jactancioso, que só a Igreja Católica tem todos aqueles meios que são necessários e eficientes para a santificação dos homens. Talvez você agora se sinta como que perguntando: "E onde estão os resultados? Mostre-me os seus santos!" Qualquer Igreja que fôsse a Verdadeira Igreja de Jesus Cristo deveria esperar por tal pergunta.

E' simplesmente honesto formular uma pergunta que está fora de dúvida razoável, e pergunta que justificará não somente a Igreja Católica, mas o próprio Jesus Cristo. Ele veio à terra para salvar os homens. A sua missão não foi uma simples operação de livramento, uma mera drenagem do pecado. Ele veio para habilitar o povo a viver vidas santas. "Vim para que eles tenham a vida, e a tenham mais abundantemente" (Jo 10, 10).

Estabeleceu uma Igreja que tinha todos os meios requeridos para fazer os homens santos. Deu à sua Igreja o poder de ensinar sem erro, autoridade para fazer leis que nunca conduzis-



A única finalidade da sua organização religiosa era santificar os homens, e, se esta era a finalidade exclusiva da Igreja de Cristo, indubitavelmente sem senão em direção certa, a administração de Sacramentos e de um Sacrifício que trouxessem ao mundo a abundância da sua graça.

essa finalidade tem sido cumprida, ou então Cristo não é Deus como pretendeu ser. A Igreja Católica pode apontar para vinte séculos de santidade evidente como prova de que a Igreja de Cristo tem realmente cumprido o que ele pretendia que ela fizesse.

Não pretendemos que todos os católicos, nesses vinte séculos, tenham sido extraordinariamente bons (e muito menos que todos os não-católicos tenham sido irreparavelmente maus). Dizemos apenas que a história da Igreja Católica mostra uma tão clara e extraordinária manifestação de santidade como só pode ser explicada pela operação de um poder de santificação dado por Cristo e implícito nela.

O mundo, confiamos, concederá que os católicos em geral têm

procurado ser bons. Têm sido bem sucedidos até certo grau, e o seu sucesso tem sido devido precisamente à sua religião tanto quanto ao seu esforço. Eles não têm sido apenas pessoas naturalmente boas que sucedia serem católicas. Têm tido o seu quinhão daquelas tendências desordenadas, más, de que o mundo em geral tem sofrido. Têm procurado viver de acôrdo com a sua religião e suprimir êsses maus impulsos. De muitos modos a sua religião lhes tem ensinado muito austeros deveres — jejum e penitência, freqüentação compulsória da igreja aos domingos, nada de divórcio, etc. Eles não têm tido pequena soma de êxito em viver de acôrdo com essas leis. Isto é chamado "santidade comum". Não pretendemos que esta seja realização exclusiva dos católicos ou que ela prove o nosso ponto.

Servir a Deus

Há um grande número de católicos que vivem vidas melhores do que simples vidas comuns. Os mais imediatamente evidentes são o grande número de sacerdotes, freiras e homens e mulheres religiosas de tôda sorte. Eles não se casam. E isto não é por qualquer menosprêzo do casamento, nem por não poderem casar-se. Ficam solteiros porque S. Paulo (que o aprendeu de Cristo) disse que a pessoa não casada, homem ou mulher, pode dedicar a sua vida ao culto e serviço de Deus. Por isto êsses milhares de pessoas se-

guem o conselho heróico de S. Paulo. Este admitiu que nem todos podem fazer isso; só a graça de Deus torna isso possível.

Segundo as normas prevalentes, êles são pobremente remunerados. A maioria dêles fizeram voto de não possuir nada, ou ao menos de não o usar sem a permissão dos seus superiores. Os seus salários, escassos como são, vão para um fundo comum. Eles fazem êsses sacrifícios por ser êsse o conselho de Cristo.

Ou por voto ou por promessa, êles são todos obrigados a fazer tudo aquilo que se lhes manda fazer (dentro dos limites, é claro, do que é direito). Trabalham no lugar e na tarefa que lhes são mandados, quer gostem quer não. Estão prontos a suspender essa tarefa de um momento para outro e ir para qualquer outra parte. Seguem ordens sôbre como devem fazer a sua tarefa, mesmo se pensam que sabem melhor. Fazem isto à imitação de Cristo, que sempre fez as coisas que agradavam a seu Pai, e não as coisas que lhe agradavam a si.

Em muitos países, há milhares e milhares dessas pessoas. Tôdas elas são católicas. E' tão inexplicável essa efusão de santidade, que freqüentemente há pessoas que a negam. Êstes accusam os sacerdotes de crimes secretos; pintam as freiras como pobres mulheres, desiludidas no amor, que escondem corações partidos por trás dos muros do convento, ou que ali estão apriacionadas. Êsses não podem ad-

mitir que a virtude cristã seja possível em tão larga escala.

Santidade mais alta

Nisto eles estão certos. Isso não é possível — de modo natural. Só é possível com um auxílio especial de Deus. Esse auxílio vem através da Igreja que Cristo fundou para fazer os homens santos. Ela está cumprindo a promessa.

Mas há um grau de santidade muito acima deste, e ele é mais importante para o nosso intuito aqui. E é a santidade dos santos cujas vidas evidentemente estão muito além dos poderes humanos.

O católico comum é bom na medida em que vive uma vida católica. Mas a sua bondade é misturada com tanta fraqueza humana e com tantas distrações mundanas, que é difícil separar os resultados naturais dos resultados sobrenaturais. A virtude dos sacerdotes e das freiras é, sob alguns aspectos, uma prova evidente do poder santificador de Cristo dentro da Igreja Católica. Também eles têm as suas fraquezas, e às vezes as fraquezas obscurecem o verdadeiro caráter santo das suas vidas.

Não assim nos santos. As vidas destes têm uma perfeição tão acabada, uma santidade tão extraordinária, que cada um pode ver claramente que eles eram movidos pelo poder de Deus.

Graça mais abundante

A santidade é, basicamente, a estreita união do homem com Deus; desse contacto resulta a perfeição moral. Deus é santo por natureza; os homens são santos na medida em que se aproximam dEle. No céu todos os bem-aventurados estão intimamente unidos a Deus pela visão imediata dEle como Ele é em si mesmo. Isto é chamado a “visão beatífica”. Todos os que estão no céu atingiram a santidade perfeita.

Aqui na terra os homens são unidos a Deus por meio da sua graça. Esta graça é um dom, livremente dado por Deus, pelo qual nos tornamos “participantes da natureza divina”, como S. Pedro afirma (2 Pd 1, 4). Quanto mais graça um homem tem, tanto mais semelhante a Deus se torna.

Ora, não há meio de medir a santidade diretamente. Não há instrumentos científicos para pesar a alma e dizer o seu conteúdo de graça. O juízo tem de ser feito à base de realização. “Pelos seus frutos conhecê-los-eis”, disse Cristo (Mt 7, 20).

Nem tudo o que à primeira vista parece virtude o é realmente. Muitas vezes, ninguém se assemelha tanto a um santo como, por exemplo, um fanático. A Igreja Católica é muito cautelosa em julgar a santidade dos seus membros. Ela sonda profundamente as raízes ocultas da santidade, buscando motivos e fontes de ação antes de che-

gar a uma decisão. Ademais, apóia-se em sinais dados pelo próprio Deus. Deus certamente conhece os santos.

Um santo pratica a bondade heróica em tôdas as suas ações. Note êsse "tôdas as suas ações". Um homem não é um santo por ter uma só virtude. Há muitas pessoas que se esforçam com afincio por ajudar os seus semelhantes. Podem essas pessoas ser obreiros sociais, mestres nas escolas, donas de casa, e mil outras que colocam o próximo na sua frente. Esses certamente têm uma virtude em grau proeminente. Mas podem ser ao mesmo tempo religiosos dubitantes, bebedores, temperamentos impacientes. Não são santos.

Virtudes heróicas

Um santo tem *tôdas* as virtudes e em grau *heróico*. Não é suficiente que êle não tenha faltas salientes. Mesmo uma pequena fraqueza é uma grande falta num santo. Conta-se a história de um sacerdote que foi enviado pelo Papa para inquirir sobre a reputada santidade de certa freira. Êle veio ao convento e perguntou à freira que veio recebê-lo à porta se era ela a santa que êle fôra mandado entrevistar. Quando ela respondeu que sim, êle pôs o chapéu na cabeça e foi-se embora. Tinha ouvido o bastante. Não importa quão bem ela agia; mas, se era tão orgulhosa a ponto de pensar de si mesma como de uma santa, certamente não o era.

Um santo tem tôdas as virtudes, e não apenas uma.

Não há entre os santos lugar para aquêles que tiveram uma idéia vesga da perfeição religiosa. Fanáticos têm-se torturado a si mesmos, às vêzes até à morte, e chamavam a isso mortificação; mulheres desiludidas têm confundido histeria com êxtase; os libertinos têm pretendido que o estado final de perfeição liberta a pessoa da necessidade de observar meros mandamentos. Toda forma de fanatismo tem-se encoberto sob a máscara de perfeição religiosa.

A Igreja Católica tem sempre cautela com os que pregam sensacionalismo de qualquer espécie ou fazem coisas extraordinárias. Ela suspeita quase instintivamente de estarem êles fazendo isso mais por amor da sua reputação do que por amor de Deus. O santo não faz da sua vida espetáculo. Começa pelas virtudes sólidas, comuns da vida cristã, e depois desenvolve-as até um grau extraordinário. S. Vicente de Paulo costumava dizer que um cristão não deveria fazer coisas extraordinárias, mas sim fazer extraordinariamente bem as coisas ordinárias.

E nem os santos são meras pessoas que tiveram uma inclinação natural para viver moralmente. Rudyard Kipling, no seu famoso poema "Tommy", dá a defesa comum feita pelo soldado, da sua conduta, nestas palavras:

"E, se às vezes a nossa conduta não é tudo o que a vossa fantasia pinta, E' porque simples homens em barracas não chegam a ser santos de massa!"

Ninguém chega a ser santo de massa exceto os contrafeitos. Sê-res humanos chegam a ser santos travando batalha consigo mesmos, com a carne e com o demônio. Partem do triste estado da nossa fraqueza comum, e às vezes têm mais do que o seu quinhão de más tendências; porém, antes de morrerem, desenvolvem-se em santos.

Muitos santos não foram muito santos antes de se porem a andar nessa direção. Santo Agostinho até assombrou o mundo pela sua confissão do que êle tinha sido na sua mocidade, um lâço desajuizado que cometeu as suas estroinices em dois continentes.

S. Jerônimo, o famoso sábio bíblico, foi mais propriamente um velho descontente enquanto o seu mundo erudito não começou a ruir em volta da sua cabeça durante as invasões dos bárbaros, e elevou-se às alturas da divina compaixão em resposta à miséria da sua época.

O teste do santo não é como êle começou. Pode êle ter sido um bom homem, mas um homem com muitas imperfeições. Ou pode ter sido um grande pecador. O que importa é que tenha cooperado em tal grau com a graça de Deus que trabalhava nêle, que, antes de morrer,

tenha atingido tôdas as virtudes.

Por outro lado, a santidade não pode ser levada a crédito de alguém que não faz o mal, mas também não faz o bem. O cáustico epitáfio de um dos reis da Inglaterra reza:

"Aqui jaz nosso soberano senhor, o Rei

Em cuja palavra ninguém confia. Que nunca disse coisa tôla, E sábia nunca fêz nenhuma".

Esse não foi um santo.

A verdadeira perfeição religiosa consiste na prática de tôdas as virtudes em grau heróico. O santo é zeloso da honra de Deus, mas não tão imprudente a ponto de repelir os homens por causa do seu próprio entusiasmo; mortificado, mas não um desmancha-prazeres; confiante no auxílio de Deus, mas nunca um presunçoso; afeiçoado, mas nunca sacrificando princípios por sentimento. O santo nunca é anormal; é extraordinário em desenvolver tôdas as suas capacidades humanas para amar a Deus e ao próximo; mas isso é o que um ser humano normalmente deveria fazer.

Marcas da santidade

Um santo vence a fraqueza. Por isto a Igreja Católica não hesita em examinar minuciosamente tudo o que um reputado santo fêz. Especial atenção é dada aos escritos do santo em questão. Um homem muitas vezes exprimirá livremente seus íntimos pensamentos escrevendo, ao passo que os esconde na conversação. Se a Igreja acha nesses es-

critos alguma coisa que peca contra uma prudente consideração pela verdade, algo que é desequilibrado ou mau, então sabe que não está tratando com um santo.

Um santo tem um contróle perfeito de tôdas as virtudes. Ninguém tem que desculpá-lo, dizendo que êle é um homem bom de coração, mas um homem difícil de suportar; ou que êle tem um senso inflamado da justiça social, mas não é muito de oração.

E' difícil juntar os santos e dizer: "Ora, aqui está o denominador comum da santidade". Os santos eram muito individualistas, cada um buscando a Deus pelo modo mais conveniente à sua própria personalidade. As circunstâncias de suas vidas e as suas capacidades naturais manifestavam uma virtude mais do que outra, um método de desenvolver a santidade mais do que outro.

S. Luís de França era um rei, e um rei tão grande que os franceses ainda hoje o honram como o pai do seu país. Nasceu para governar, e fê-lo com cristã firmeza e justiça. Santo Hermenegildo, da Espanha, também nasceu para governar; mas nunca teve essa oportunidade. Foi morto enquanto ainda era môço. A sua grande virtude foi o sofrimento paciente. S. Vicente de Paulo foi um santo que amava os pobres com afeto intenso e prático. Santo Tomás de Aquino não teve lá muito que ver com os pobres. Nasceu aristocrata e veio a ser professor numa famosa universidade. A sua

característica era a simplicidade e a humildade em investigar a verdade com um dos mais agudos intellectos jamais dado aos homens.

S. Luís de França

As circunstâncias das vidas dos santos deram ocasião a que uma ou outra virtude sobrelevasse. Mas essa não era o resumo e a substância da sua santidade. A França teve muitos reis bons que foram firmes e justos. Mas só teve um S. Luís. Embora fôsse um chefe nato, êle também era bondoso e paciente. Ajudava os pobres, sustentava a verdade conforme a via. Sabia sofrer quando as coisas iam mal. O seu Deus significava tudo para êle, e êle estava pronto a fazer tudo por êle. Tinha tôdas as virtudes, embora uma predominasse.

Há uma certa norma, embora simples, que pode ser traçada na procura da santidade. Algueres ao longo da sua carreira, todos os santos decidiam total e definitivamente deixar a rasteira senda da virtude comum e davam-se sem restrição a Deus. Então começavam a praticar a mortificação — negando a si mesmos até as coisas boas deste mundo, à imitação de Cristo.

O espirito do homem vivifica um corpo que é cheio de desejos profundos. Nenhum homem pode começar a satisfazer êsses desejos indiscriminadamente e depois parar súbitamente quando quiser. O lado material do homem sempre submergirá as suas

potências espirituais se não fôr refreado por uma disciplina rigorosa. A entrada para a senda da virtude heróica é através de uma sujeição do corpo ao espírito. S. Paulo diz: "Castigo o meu corpo e trago-o em sujeição, para que acaso não suceda que, depois de pregar aos outros, eu mesmo venha a ser reprovado" (1 Cor 9, 27).

Espírito conquistador

Mas não é só o corpo que é desregrado; a alma também tem os seus desejos díscolos. Há nela um irresistível desejo de poder, de fama, de fazer a própria vontade, e muitos outros vícios. Também êstes devem ser eliminados. Isto não é fácil, nem é obra de um dia. Os santos tiveram de trabalhar duramente para se libertarem dessas tensões perturbadoras do corpo e da alma.

Isso foi a porta de entrada. Para além dela reside a sublime liberdade em que a alma, purificada das limitações do corpo e das baixas paixões, é capaz de servir a Deus com inimaginável competência e fervor. Para além dela está aquêlê conhecimento místico que certamente é real e certamente fechado a homens meramente naturais.

Convicção religiosa é uma coisa formada dos pensamentos que vêm através do duro trabalho de raciocinar, da conclusão lógica da fé e da experiência. A contemplação mística é uma espécie inteiramente diversa de conhecimento, uma intuição das coisas

divinas dada por Deus, não procedente nem do conhecimento que os sentidos proporcionam nem através dos canais ordinários do entendimento humano. Assim como um clarão de luz pode revelar a um homem uma pintura em todos os seus detalhes, assim também êsse conhecimento que vem aos santos é claro e perfeito sem que êles trabalhem para êle.

Suprema alegria

S. Paulo teve êsse conhecimento místico. "Sei de um homem em Cristo que, há catorze anos — se no corpo não sei, se fora do corpo não sei, Deus sabe — foi arrebatado ao terceiro céu. E sei, dêsse homem, — se no corpo ou fora do corpo não sei, Deus sabe — que êle foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras secretas que o homem não pode repetir" (2 Cor 12, 2-4). Esta é, sem dúvida, uma passagem peculiar, porque aí S. Paulo fala de si mesmo. E' peculiar também nisto que êle fala sôbre uma espécie de conhecimento para o qual não há paralelos na terra.

Com o conhecimento os santos receberam um deleite que não pode ser descrito. E' um deleite sensível, embora não sensual, tendo o seu efeito sôbre as sensações corporais, mas não sendo limitadas por nenhuma das vantagens do prazer corporal. Êsse conhecimento místico trazia aos santos uma alegria tal, que êles sentiam que morreriam de felicidade se não fôssem susten-

tados pelo poder divino. Não há escala do prazer humano pela qual êsse deleite espiritual possa ser medido.

Esta é a espécie da bondade que a Igreja Católica insiste em buscar nas vidas daqueles a quem chama "santos". Ela exige que êles tenham praticado tôdas as virtudes conjuntamente, e isso em medida extraordinária. Então, e só então, ela fica convencida de que isso está inteiramente acima do poder dos homens e deve ser devido a Deus. Este é o âmago da matéria: — a bondade dos santos é devida à graça de Deus atuando nêles.

Mais do que bondade

Há algumas pessoas que são apenas naturalmente boas dentro de certos limites. Têm uma disposição alegre, ficam facilmente satisfeitas, não desejam a riqueza ou a mulher ou a reputação de nenhum homem. Nunca realizam muito. São médios de modo muito bonito. Não são santas.

Há outras que são conduzidas por um desejo incansável de melhorar as condições sob as quais os outros vivem, de reformar ou de organizar. Mas permitem que isso lhes entorte as vidas. Na pior das hipóteses, tornam-se uns terríveis fanáticos que destroem mais do que constroem. Na melhor das hipóteses, são gênios incômodos. Não são santas.

E, quanto à generalidade dos homens que vivem suas vidas com variantes graus de virtude e de

vício, ninguém os consideraria sequer como candidatos à santidade. Um homem é humano; deve fazer algum bem, porque há uma bondade inerente em todos nós. Só quando a bondade se manifesta em tôda parte e sem restrição é que nós temos algo de inteiramente inexplicável no terreno humano. Então temos a santidade.

A Igreja Católica tem uma craveira final para medir a união com Deus daqueles que são reputados santos. E' o poder que essas pessoas têm, especialmente depois da morte, de rogar a Deus com tal eficácia, que Deus opera milagres por causa das orações delas.

Poder de Deus

Um milagre é um acontecimento maravilhoso inteiramente fora do poder de qualquer pessoa ou de qualquer coisa afora Deus. Porque um homem voar com apenas um par de asas seria coisa inteiramente extraordinária. Mas, por tudo quanto sabemos, isso pode vir a ser possível. Simplesmente por ainda não ter sido feito, não quer dizer que não possa vir a ser feito.

Mas transportar-se de um lugar para outro simplesmente com pensar sôbre onde se quereria estar, isto é completamente impossível do ponto de vista natural. Um homem ser curado por alguma droga milagrosa é coisa compreensível, mesmo se a droga milagrosa não pode ser conhecida no momento. Mas ser curado instantânea-

monio, de uma doença incurável, sem uso de nenhuma droga ou tratamento, mas somente pela oração, isto não é compreensível por nenhuma teoria natural.

Onde ocorre um milagre real, aí sabemos que o poder de Deus esteve em obra. Esses milagres reais têm ocorrido muitas vezes na história do mundo. Foram de ocorrência quase diária na vida de Cristo. E ocorrem muitas vezes pela intercessão dos santos.

De muitos santos é dito que, a pedido deles, milagres se operavam enquanto eles ainda viviam. O pastor da cidade rural de Ars na França, há uns cem anos, S. João Vianney, sabia-se que multiplicara o suprimento de comida de um orfanato rezando sobre ele. E isso não era uma história piedosa. Foi fato em averiguado.

No santuário de Lourdes, na França, numerosas curas médicas operam-se anualmente pela intercessão de Maria, Mãe de Deus. O mesmo é verdade de muitos outros santos; mediante a oração a eles, doenças orgânicas incuráveis findaram subitamente, deixando pequeno ou nenhum vestígio da sua presença. Estes são sinais extraordinários e incontestáveis de aprovação dados por Deus.

Uma vez mais, devemos insistir em que não tratamos aqui de histórias rumorosas, fantasiosas, contadas por velhas ou sonhadas por môças histéricas. Tratamos de fatos. A evidência médica dos milagres operados em

Lourdes, por exemplo, tem vindo firmemente amontando-se por um século, e dela nunca foi dada explicação natural satisfatória. Esses fatos têm sido examinados e reexaminados pelos métodos mais modernos, oferecidos ao mundo em geral para crítica, e têm resistido à prova do teste científico.

A Igreja Católica exige hoje que se prove haverem tais milagres depois da morte vindo pela intercessão daquele que é reputado santo. E' a prova final que não admite dúvida. Se Deus se dignou de operar um milagre pela intercessão de tal católico, então fora de toda dúvida essa pessoa está no céu. Não há dúvida de que ela é santa.

Esta é a espécie de gente que a Igreja Católica honra com o título de santo. Eles praticaram tal variedade de virtudes em tão alto grau, que a isso devem ter sido movidos por um poder sobre-humano. Esse poder eles o hauriram na sua religião, a religião que é a única religião verdadeira.

Assim, quando alguém que examina as pretensões da Igreja Católica pergunta: Onde estão os vossos santos?, pode a Igreja apontar milhares e milhares deles que têm exornado a Igreja Católica. Eles formam uma linha ininterrupta, para trás, até o próprio Nosso Senhor. Tal linha de santidade só é achada entre aqueles que viveram na fé católica e de acôrdo com a fé católica.

EIS AQUI ALGUNS SANTOS...

E COMO VIVERAM

Estivemos tratando dos santos em teoria; agora consideremo-los na carne. Um breve sumário de algumas das suas vidas darão realidade ao que estivemos a dizer.

Em regra geral, a idéia comum de um santo é de todo errada. Um santo usualmente é pintado como um homem alto, emaciado, de mãos postas em oração, usando roupas fora de moda, com um sorriso triste e sofredor na face — como um homem completamente não-prático.

Essa pintura não é nem mesmo superficial. Por que se haveria de pensar dos santos sempre como magros? Em matéria de fato, S. Francisco de Bórgia era um homem grande, tão redondo que se dizia que o seu cinto abarcaria três pessoas comuns. Santo Tomás de Aquino dizia-se que era um homem tão volumoso, que era preciso cortar uma meia-lua na mesa para que êle pudesse comer. Talvez esta história seja exagerada; mas é difícil pensar que uma história como essa tivesse origem se êle fôsse um mero esqueleto.

Por que haveriam os santos de ter sempre as mãos postas em



oração? Por certo os santos rezavam freqüentemente. Mas tudo quanto um homem faz pode ser convertido em oração. S. Francisco Xavier sabia-se que gostava de jogar cartas. S. João Bosco jogava futebol com seus órfãos, e certamente não tinha então as mãos postas.

E por que o sorriso triste, melancólico? S. Francisco de Assis foi, sem dúvida, uma das personalidades mais alegres, mais vivas neste mundo tristonho. Uma simples vista d'olhos à sua vida prová-lo-á.

S. Tomás More foi um dos homens mais espirituosos da sua época. Foi autor do famoso livro "Utopia", e aí do solene tolo que não percebesse ser tudo aquilo brincadeira!

Há na Igreja Católica um antigo chiste que diz: "Um santo triste é um triste santo".

Finalmente, por que haveria o santo de ser encerrado no seu mundo estreitamente fechado, como um besouro num jarro de vidro? A verdade é que alguns santos foram solitários, vivendo em lugares afastados e nunca saindo para o meio do público

mitães tomaram parte vital e decisiva no mundo que os cercava. S. Jerônimo foi um dos mais urbanos e loquazes comentadores sobre os homens e negócios que o mundo já conheceu; e Jerônimo era um eremita.

A questão é que o mundo não quer compreender os santos, e por isto tem procurado colocá-los num molde tão repulsivo quanto possível. Então tem-se dito que eles são tão extravagantes e tão raramente encontrados, que podem ser seguramente ignorados.

A verdade é que os santos têm sido tão numerosos e tão atraentes, que a humanidade tem de prestar atenção a eles a despeito de tôdas essas dificuldades.



S. Agostinho

A santidade é a perfeição da humanidade, e, onde quer que seres humanos tenham vivido, a santidade tem florescido sob os cuidados da Igreja Católica.

monstruosas extravagâncias que viveram numa só terra ou época particular. Pertencem a tôdas as épocas e a tôdas as nacionalidades. S. Policarpo, natural da Ásia Menor, viveu no século segundo; S. Pio X foi um italiano e um Papa do século vinte. Os quatro homens que são chamados os Padres do Ocidente, isto é, Santo Agostinho, S. Jerônimo, Santo Ambrósio e S. Gregório Magno, eram respectivamente da África do Norte, da Iugoslávia e da Itália, e viveram entre os séculos quarto e sexto. Santa Francisca Cabrini era uma freira italiana que fundou hospitais em Nova York e em Chicago. Houve mártires em Nagasaki, no Japão, e padres na Rússia, que foram declarados santos pela Igreja Católica.

O número dos que têm sido oficialmente intitulados "santos" é muito grande, na verdade. Uma lista oficial deles é dada no livro chamado o *Martirologio Romano*. Para mais de cinco mil registos se encontram nessa lista, muitos deles referindo-se a grupos. E o rol está sendo constantemente aumentado. Mas nem mesmo o Martirologio Romano é uma relação completa, e assim conclui: "E por toda parte muitos outros santos mártires, confessores e santas virgens".

Sim, novos Santos

Isto, talvez, deveria ser esperado. A Igreja Católica está aparelhada para produzir santos, e

o faz em qualquer lugar e em qualquer tempo em que trabalha. O que é talvez mais surpreendente é a enorme variedade de personalidades entre esses santos.

Reis e rainhas, sapateiros e agricultores, sacerdotes, bispos, freiras, soldados, juristas, professores, donas de casa e mulheres profissionais elevaram-se às alturas da santidade. Nenhuma classe tem o monopólio da santidade, embora talvez bispos e religiosos, por força da sua profissão, se tenham mais frequentemente particularizado para declaração oficial de santidade.

Entre os intérminos exemplos de santidade humana que os santos oferecem, pode-nos ser proveitoso examinar três mais em minúcia. O que mais particularmente nos interessa não é o que eles realizaram, mas sim o que eles foram. Só assim podemos adquirir alguma intuição da bondade sôbre-humana das suas vidas.

O primeiro foi um político, presidente da Câmara dos Comuns e finalmente Lorde alto Chanceler da Inglaterra. O seu nome era Thomas More, e o seu século foi o dezesseis, quando Henrique VIII reinava e não se preocupava com Deus nem com o homem, como o injusto juiz do Evangelho.

O jurista santo

Thomas More era um homem casado; de fato, casado duas vezes. Talvez que na sua escolha

das esposas apareça uma pista para a sua santidade. Quando êle quis casar-se a primeira vez, sentiu-se atraído pela filha mais moça de John Colte. Seu genro disse o que aconteceu então:

"Conquanto êle se sentisse mais inclinado para a segunda filha, porque a pensava a mais bela e mais favorecida, contudo, quando considerou que seria de gran-



S. Tomás Moore

de pesar e também de alguma vergonha para a mais velha o ver sua irmã mais moça preferida antes de si no casamento, então, com certa compaixão, dirigiu a sua fantasia para a mais velha".

De fato, êle se sentiu inteiramente feliz no amor com Jane Colte, e viveu seis anos em suprema ventura.

Depois Jane morreu, deixando sem mãe quatro filhinhos. Por isto Thomas More, que era um santo muito prático, casou-se com uma viúva, Alice Middleton, que amava ternamente as crianças.

Também ela tomou More em mão como se êle fôsse uma das crianças, não admitia tolices, e habitualmente não lhe compreendia os gracejos.

Esse foi o golpe mais severo para More, que era conhecido em tôda Inglaterra como o mais alegre e o mais espirituoso dos homens. Seu irmão Erasmo, um grande sábio da época, fêz notar que êle sempre parecia estar rindo de alguma coisa, e que o seu semblante era mais bem ajustado para a alegria do que para a gravidade e dignidade.

Pois bem: abundância de dignidade veio a Thomas More. Êle veio a ser um destacado jurista. Subprefeito de Londres, alto administrador da Universidade de Cambridge, amigo pessoal do rei Henrique, que costumava visitá-lo quando precisava reanimar-se: finalmente atingiu o mais alto pôsto na sua terra, o de Chanceler do reino.

Depois veio a ser decapitado — o que era antes triste para um político, mas não de todo mau para um santo.

Isso sucedeu como segue. Henrique VIII decidira desfazer-se de sua mulher Catarina de Aragão, mas não podia provar ao Papa que se casara inválidamente com ela. Por isto instaurou-se como o supremo chefe religioso da Igreja na Inglaterra e anulou o seu próprio casamento. Subseqüentemente, desposou mais cinco mulheres. Duas delas êle finalmente executou.

Para manter tudo limpo e legal, êle fêz leis justificando a

sua conduta, e exigiu que tôdas as pessoas importantes na vida pública assinassem um juramento aprovando-as. Thomas More, que era um jurista, estudou as leis e depois mostrou que elas eram ilegais e contrárias à lei de Deus.

Riu da morte

Êle foi acusado de traição e lançado na Tôrre de Londres para aguardar a execução. Muitos outros opositores de Henrique ali acabaram nos anos subseqüentes. Porém More era diferente. Não se levantou nem denunciou Henrique pelos seus vícios, nem predisse tôda sorte de coisas horríveis. Procurou desculpar o rei e rezava por êle. As privações da vida na prisão não o incomodavam muito; durante anos êle se adestrara na privação, embora sendo um homem muito rico. Não se irava contra ninguém; era vontade de Deus que êle morresse, e êle estava disposto a fazer tudo o que Deus quisesse — até mesmo ter a cabeça cortada.

De fato, êle parecia inteiramente alegre a êsse respeito. A Tôrre de Londres era uma úmida cavidade de uma prisão, mas não podia abater a jovialidade de More. Finalmente levaram-no à execução, e puseram-lhe a cabeça no cepo para lha deceparem. Êle teve um brando remoque a dizer no cadafalso. Arrumou a barba de modo que o machado não a cortasse. A barba, dizia êle, crescera no cárcere e não podia ser acusada

de traição. E então o mais santo e o mais alegre dos políticos ingleses morreu.

Jacinta Mariscotti foi justamente tudo o que More não era. Thomas More era um proeminente homem público; Jacinta foi e é quase desconhecida pelos católicos ou por quaisquer outros. More era um homem de jovialidade; Jacinta começou a vida procurando ter muita diversão, mas esta era coisa mui diferente de um honesto passatempo. More era um homem naturalmente bom; Jacinta era uma jovem travessa, com tóda perspectiva de levar uma vida inútil e pecaminosa. Tom More é mesmo um nome que soa familiar; Jacinta Mariscotti é estranha e caprichosa.



Jacinta Mariscotti foi uma freira italiana do mesmo século que More. Foi justamente a espécie de pessoa que tantos não-católicos suspeitam que tódas as freiras são — uma mulher cho-

rosa, escondendo um coração partido por trás das paredes de um convento. Aos vinte anos de idade, apaixonou-se pelo Marquês Cassizucchi. O Marquês não era Thomas More; casou-se com a irmã mais moça dela. E Jacinta foi para um convento, por não poder suportar a vergonha e a mágoa. Então pôs-se a levar no convento uma vida tão cômoda como podia.

Depois de certo tempo adoeceu, e durante a doença pensou muito. Deus pusera-a num convento, e no entanto ela se desgostava muito de ali estar. Decidiu ser de todo coração o que tinha a pretensão de já ser — uma serva de Deus. Logo que pôde, fêz uma confissão pública dos seus pecados, acabou com os luxos que lhe fôra permitido acumular no convento, jejuou a pão e água, e submeteu o seu corpo ao serviço do seu espírito por longas orações e mortificações. Recordando a vida dela anos depois, as pessoas se admiravam de que ela fôsse fisicamente capaz de viver sob as privações que se impunha.

Quando se havia purificado suficientemente das atrações deste mundo, entrou naquele universo secreto que só os santos têm conhecido. Há um reino de conhecimento muito além do mero conhecimento corporal ou do entendimento mental, no qual a alma entra em contacto quase imediato com Deus. Ele está tão perto da espécie de conhecimento que os bem-aventurados gozam no céu como pode ser realizado

nesta terra. Muitos santos viveram nesse contacto directo com o divino; todos êles conheceram-no de algum modo. Mas para alguns, como Jacinta Mariscotti, êsses êxtases e iluminações espirituais tornaram-se quase experiências diárias.



Caridade, Misericórdia

Ela também achou que lhe importava muito o que estava acontecendo aos seus próximos. Durante uma epidemia na sua cidade natal, trabalhou com heróica caridade para assistir os doentes. Isso lhe deu idéias. Ela organizou grupos de mulheres para visitarem os doentes e moribundos, e para lhes levarem auxílio em suas casas. Fundou uma casa para os velhos. Tornou-se o centro dos empreendimentos de caridade em Viterbo, na Itália.

Isso nunca lhe passou pela cabeça. Ela tornou-se grandemente respeitada por todos — exceto por si mesma. Reteve sempre um

conhecimento do que tinha sido quando vivera a vida que era natural para ela. Sabia que era sustentada na sua bondade somente pela graça de Deus. E foi assim que se fez santa.

Finalmente, devemos olhar de nôvo para aquêles notáveis homens, Vicente de Paulo. De certo modo, êle foi um santo que pareceu desenvolver-se sobre linhas naturais. Não há dúvida de que êle foi um gênio, e se elevaria às cumiadas em qualquer campo de iniciativa. Mas, por ter sido um santo, a sua realização foi muito além do gênio. E' simplesmente fácil ver aonde o seu talento natural o levou, e compreender quando e como êle o ultrapassou.

Por exemplo, êle parece ter sido levado para vida sacerdotal por ter alguma inclinação natural para ela, e por ser ajudado por felizes oportunidades. Seu pai era agricultor, e o filho não era de molde diferente. Mas era vivo e esperto, e um amigo de seu pai que tinha dinheiro ofereceu-se para pôr o menino na escola. Êle foi para a escola, onde veio a conhecer bons sacerdotes, e, como tantos meninos católicos, quis ser como os homens que êle admirava. Foi feliz em achar trabalho como tutor privado, e assim deu-se à vida de erudito. Foi ordenado sacerdote muito môço, e foi um clérigo decente e competente.

Obras da graça

Não havia nada de notável em tudo isso. Quem quer que conhe-

cesse Vicente naquele tempo poderia ter predito que êle continuaria sendo um bom e competente clérigo, e faria muito pela Igreja. Mas não poderia prever o que realmente aconteceu.



Ele tinha as suas faltas. A ambição, por exemplo, governava-o. Não era uma ambição presunçosa, vã, mas uma ambição de solidez e de segurança. Êle queria uma boa posição, de modo que pudesse ajudar sua família, uma pontinha de dignidade — quiçá um bispado — de modo que pudesse ter autoridade para fazer o bem.

Era inerentemente um homem impetuoso, apto para tomar nas mãos os acontecimentos e fazer os seus próprios resultados. Quando um maroto defraudou-o de algum dinheiro e fugiu da cidade, Vicente alugou um cavalo e imediatamente partiu atrás dêle. Ficou sem dinheiro no caminho, vendeu o cavalo, e final-

mente alcançou o seu homem e fê-lo prestar contas.

Entenda-se, êle não era um tratante ou um infame. Era um homem perfeitamente bom, e, aparentemente, um homem comuníssimo. Mas pouco a pouco veio a oferecer cada vez menos resistência à inspiração de Deus que trabalhava nêle. Estava diariamente em contacto com todos aquêles meios de santificação que Cristo pusera na sua Igreja. Orava sinceramente, oferecia o Sacrifício da Missa, recebia a Eucaristia, ministrava aos homens levando-lhes os Sacramentos. E finalmente começou seriamente a ser santo.

E' difícil pôr o dedo no dia e no acontecimento precisos. Alguns anos após a sua ordenação como sacerdote, êle foi capturado pelos piratas bárbaros numa viagem marítima, e passou dois anos como escravo no Norte da África, até conseguir operar a sua fuga. Essa sua experiência aumentou as suas simpatias pelos oprimidos, e desencantou-o um pouco das luzentes ambições mundanas que alimentara.

Contudo, quando voltou à Europa, teve em mente a sua carreira. Não o fêz mal; como um homem ainda môço, principiou a elevar-se nas categorias menores do serviço diplomático papal, e depois veio a ser adido à côrte da Rainha da França.

Em Paris, encontrou gente muito mais importante para o seu futuro do que o Rei e a Rainha. Encontrou um grupo de sacerdotes cujo único objetivo na vi-

da era a perfeição de suas próprias vidas. Ele estava maduro para essas ambições espirituais; e seguiu a direção deles. Já agora sentia-se mais interessado em fazer a vontade de Deus do que a sua própria.



Pôs-se completamente a cargo do Padre de Bérulle, e achou-se designado para uma série de ocupações mais propriamente espantosas. Primeiramente foi, como pastor, para uma igreja de campo, tarefa para a qual parecia admiravelmente apto.

Depois foi tutor privado dos jovens filhos de Filipe Emanuel de Gondi, Comandante da Armada Francesa, tarefa para a qual absolutamente não era apto. Depois esteve como pastor no sul da França, porém alguns meses depois voltou ao serviço dos de Gondi.

Estava aprendendo a fazer o que Deus queria, e não o que ele mesmo queria. E finalmen-

te aprendeu uma grande lição. Como capelão dos de Gondi, viajou muito, e pôs um olho na condição espiritual da gente que vivia nos Estados deles. Ele e a Senhora de Gondi vieram a se dar conta de que aquela não era uma condição muito saudável, de que alguém devia ir para o meio deles e ensinar-lhes a sua religião e estimulá-los a uma melhor prática da mesma. Embora procurasse, a boa senhora não pôde achar ninguém para fazer a obra. E, assim, inesperadamente o lugar de Vicente na vida veio a lume — ele fundou uma associação de padres para pregarem à pobre gente do campo.

Para ajudar os pobres

Por esse tempo era ele um homem largamente viajado e experimentado, e o que viu da condição da França espantou-o. Os católicos franceses eram grandemente ignorantes, a nobreza corrupta, os padres negligentes nos seus deveres, e às vezes também ignorantes de quais eram os seus deveres ou de como cumpri-los. A França tinha de ser reformada, e ele conheceu que devia ajudar nisso.

Isto era em 1625, quando ele tinha pelo menos quarenta e cinco anos de idade. Mais da metade da sua vida se passara até que ele achasse a sua obra. Mas tinha sido uma metade de vida passada em achar-se a si mesmo e em descobrir que a sua força não residia nos seus pró-

prios esforços, mas simplesmente na graça de Deus.

Anos mais tarde êle devia postar-se diante dos seus sacerdotes e admitir com completo espanto não saber como a obra que realizara tinha vindo a térmo. Êle não a planejara nem lhe forcara o êxito, arrostará as crises como elas ocorriam e confiara em Deus para vê-las passar. O que tinha sido feito viera a térmo mediante a graça de Deus, e não mediante os seus próprios esforços.

O que Deus fêz por meio dêle é quase incrível. Nenhum dos seus biógrafos descreve ano por ano o que êle fêz de 1625 em diante. A vida dêle foi demasiado complicada para isso.

A sua comunidade de sacerdotes, de dois companheiros que periodicamente punham por debaixo da porta a chave da sua casa emprestada e iam pregar missões, cresceu até ser um exército de sacerdotes trabalhando por tôda a França e Polônia, em Roma, Madagascar e Escócia. Êle iniciara um movimento para a educação do clero, o qual dura até hoje.

Irmãs de Caridade

Nesse ínterim, os pobres da França tinham vindo a esperar por Vicente de Paulo para tôda espécie de auxílio. Êle fundou uma espécie totalmente nova de sociedade religiosa para mulheres, as Irmãs de Caridade, e viu-a crescer incrivelmente. Hoje há para mais de vinte mil delas no mundo inteiro.

Êle tinha organizações de mulheres leigas, como as Senhoras de Caridade, as quais assistiam os pobres e os doentes, e (já que muitas delas eram ricas) contribuíam liberalmente. Os fundos que êle levantou aí e noutras partes deram para uma vasta formação de serviços sociais.

Êle tinha orfanatos para crianças que eram abandonadas por pais desalmados, casas de penitência para mulheres decaídas, asilos para os pobres (só um dêles ajudava quarenta mil pessoas). Quando a guerra civil irrompeu, êle levantou enormes somas de dinheiro, publicou um jornal, distribuiu alimento aos que eram deixados na necessidade, comprou sementes para os agricultores. Teve até uma organização especial para a nobreza da Lorena que empobrecera por causa da guerra e do exílio.

Um grande Santo

Enquanto isso, exercia a pressão da sua grande popularidade para influenciar o rei e os seus conselheiros a fazerem uma paz humana e aliviar o campo do pulgão de uma guerra constante. Ajudou a reformar o clero servindo na comissão do govêrno para escolher bispos para as dioceses da França. Na outra ponta da escala social, melhorou as condições sob as quais os galés da Armada eram forçados a trabalhar, e despendeu tanto como o equivalente de seis milhões de dólares em resgatar cristãos da espécie de cativoiro

Como um Santo é...

CANONIZADO

Na manhã do domingo 17 de maio de 1925, a basílica de S. Pedro em Roma estava cheia à cunha. A multidão tinha vindo ouvir o Papa Pio XI declarar oficialmente Teresinha Martin uma santa de Deus.

O Papa não havia súbitamente decidido, por um capricho, dar o nome de santa a essa jovem francesa. Anos de estudo cuidadoso entravam na decisão. Retraçando a vida dela e o exame a que foi submetida, podemos ver justamente como a Igreja Católica procede para declarar santa uma pessoa.

O caso de Santa Teresa do Menino Jesus, como Teresa Martin era chamada na sua ordem religiosa, é algo extraordinário. A nenhum santo da Igreja Católica nos tempos modernos foi jamais concedido êsse título de maneira tão rápida. Sômente vinte e oito anos decorreram



entre a morte dela e a declaração final da sua santidade. Para muitos santos, centenas de anos decorreram antes que a Igreja Católica se sentisse pronta para proferir uma decisão. A lei ordinária da Igreja declara que ao menos meio século deve passar depois da

morte de uma pessoa, antes que uma discussão oficial de santidade possa ter início. A exceção mostrará o cuidado excepcional que a Igreja usa em todos os casos.

Bastante pouco há que dizer sobre a vida de Teresinha Martin. Ela nasceu a 2 de janeiro de 1873, como filha mais moça de Luís Martin, joalheiro e homem muito religioso. O seu lugar de nascimento foi Bordéus, na França. Ela era uma alegre menina, jovial e afetiva em grau assinalado.

Nada verdadeiramente espantoso sucedeu na sua infância, a

que êle próprio suportara na Berbéria.

Embora S. Vicente de Paulo tenha realizado isso melhor do que qualquer outro, ninguém po-

deria duvidar de que não foi êle o responsável por êsse incomparável transbordamento de bem. Era Deus que trabalhava por intermédio de um santo.

mãe. Sua mãe, a quem ela era mui ternamente apegada, morreu quando a menina tinha quatro anos. Da noite para o dia a caçula da família mudou dos seus modos infantis para uma gravidade e madureza muito assinaladas. Ao mesmo tempo, tornou-se inteiramente tímida. Assaz estranhamente, quando tinha catorze anos, pareceu restabelecer-se desta fase do seu desenvolvimento e recuperar a infância de que carecera.

Depois da morte da mãe, a família mudou-se para a cidade de Lisieux, na França. Duas filhas foram ser freiras no convento Carmelita local, e a própria Teresa era consumida por um ardente desejo de ali as seguir. A prudência e a lei da Igreja proibiam a entrada de uma simples menina em vida tão austera, e os mais prementes pedidos dela para admissão ao Carmelo, como era chamado o convento, foram recusados.

Ela persistiu nos seus desejos e rogos, mas verificou que o Bispo e a Superiora do convento eram completamente infensos aos seus desejos. Assim, por ocasião de uma peregrinação a Roma, ela falou francamente com o Papa (Leão XIII) numa audiência pública, e pediu-lhe permissão para entrar no convento quando tivesse quinze anos. Ele lhe assegurou que Deus arranjará as coisas se essa fôsse a sua vontade. Teresa voltou para Lisieux, e com oração paciente esperou

A jovem Santa

Inesperadamente o Bispo mudou de idéia, e pouco depois a Superiora também cedeu. Assim, com quinze anos de idade Teresa entrou para o convento, e após o período de prova prescrito pelas regras, teve permissão para fazer os votos que a ligavam perpétuamente ao modo de vida das Carmelitas. Isso foi em 1890.

A sua vida não devia durar muito. Logo ela foi feita Mestra de Noviças, ou seja a freira encarregada das jovens que vinham experimentar aquela vida. Embora jovem como era, ela agia com tal prudência e intuição nos negócios humanos e divinos, que regras e tradições foram postas de lado para ceder lugar a ela.

O convento não era grande; nêle residiam somente vinte freiras que tinham feito os votos finais. Essa era a sua esfera de influência. A regra da ordem era estrita; jejum e longa oração eram a regra básica da vida cotidiana das freiras. Sóror Teresa do Menino Jesus, como era agora chamada, nunca deixou o convento.

Durante os últimos anos da sua vida, a mando das superiores escreveu, em forma de biografia, um relato das suas experiências espirituais. Este só foi publicado depois da sua morte. Esta não tardou a vir. Ela morreu em 1897, de tuberculose,

vinte e cinco anos de idade.

A «História de uma Alma»

Por êsse tempo ela já começara a exercer influência fora dos muros do seu convento. A gente da cidade sabia da existência dela e respeitava a sua santidade evidente. Quando a sua autobiografia, chamada "História de uma Alma", apareceu impressa, o mundo súbitamente se deu conta de que uma santa estivera vivendo no meio dêle. Dentro em pouco tempo, quase meio milhão de exemplares do livro tinham sido vendidos, e êle ainda continua a ser largamente lido num vasto rol de traduções pelo mundo inteiro. E', na realidade, um dos livros mais singulares já escritos.

Tão vasto e tão entusiástico foi o interêsse do povo em tôda parte pela autora dêsse livro notável, que as autoridades da Igreja foram solicitadas a investigar a vida dela.

A Igreja Católica tem um conjunto de leis muito detalhado preparado para investigações desta natureza. Essas leis são o resultado de séculos de experiência em tratar da investigação da santidade verdadeira.

Nas primitivas épocas do Cristianismo, a devoção dos fiéis ditava aquêle a quem a Igreja deveria venerar como um santo. Essa experiência foi finalmente assentada por escrito, em forma de regulamentos, por volta do século décimo. Depois de mais séculos de experiência em julgar

lidou as suas regras em quatro grandes volumes, durante o tempo do Papa Benedito XIV. Esta continua sendo a base da lei da Igreja sôbre o assunto hoje em dia, embora a revisão geral de tôdas as leis da Igreja Católica em 1918 haja consideravelmente esclarecido e simplificado a matéria.



S. Teresinha

O primeiro passo nessas investigações é um exame local dirigido pelo Bispo do lugar em questão. Em 1910, portanto, o Bispo de Lisieux designou um tribunal eclesiástico para proferir juízo sôbre a questão da reputada santidade de Sôror Teresa. Antes de tudo, ordenou que lhe fôsem enviados todos os escritos dela, especialmente cartas. Investigou-se se essas cartas eram realmente escritas por ela. O livro que ela escrevera, a sua autobiografia, já estava nas mãos dêle.

O tribunal passou então a coligir as provas de que ela tinha reputação de santidade. A lei prescreve deverem ser inquiridos aqueles que a conheceram pessoalmente. Em Lisieux ainda havia vivas nove das freiras que tinham sido companheiras diárias de Sórora Teresa. Foram interrogadas cuidadosamente. Além disto, vinte e nove outras testemunhas foram citadas. O grande número de cartas, vindas de todo o mundo, que atestavam a santidade de Sórora Teresa, e que tinham sido enviadas à Superiora do seu convento e ao próprio Bispo, tornaram-se parte desse processo. Milagres que tinham sido reputadamente operados por Deus por intercessão dela também foram incluídos.

Nenhuma decisão apressada

Uma investigação final foi feita sobre a veneração que estava sendo tributada a essa freira. A Igreja Católica não admitirá ser compelida a uma decisão pela opinião pública. Consequentemente, o Bispo investigou se alguém estava prestando a ela homenagem pública com qualquer espécie de cerimônias oficiais. Como parte desta investigação, o seu túmulo foi examinado, o corpo foi exumado e autenticado como sendo dela, e reinumado.

Enquanto isso, um membro do tribunal, que absolutamente não era favorável a ela, foi duro no seu trabalho. O seu título oficial era o de Promotor da Fé, mas a linguagem popular pito-

rescamente apelidou-o o "Advogado do Diabo". A sua função oficial era descobrir uma evidência que tendesse a provar que Sórora Teresa absolutamente não era uma santa, e apresentar quaisquer objeções que pudesse para mostrar que toda a reputação da santidade dela era baseada em fundamentos falsos.

Todo esse trabalho foi feito em Lisieux durante os anos de 1910 e 1911. As várias investigações foram laboriosas; muitos testemunhos e fatos tiveram de ser apreciados profundamente. No fim, nenhuma decisão foi adotada. Aliás, nenhuma fôra pretendida. Todo o corpo de informação coligido foi transmitido ao Papa.

Necessidade de prova segura

Já então passou ele a ser assunto de um departamento especial em Roma, designado pelo Papa, para determinar, com base nas provas produzidas, se havia alguma coisa real naquela reputação de santidade, ou se seria melhor arquivar toda a matéria.

Em Roma o assunto foi tomado em mão por um Cardeal, que mais uma vez convocou um conselho para empreender a investigação inteira. Os escritos de Sórora Teresa foram examinados mui cuidadosamente por um grupo de teólogos, a fim de determinar se eram ortodoxos a todos os respeitos. Por cima dos ombros deles olhava outro Advogado do Diabo, ansiosíssimo por pescar qualquer erro. Todos os

postos por escrito, as provas foram submetidas a uma junta de Cardeais, que deliberou sobre a matéria e decidiu nada haver a objetar a que se prosseguisse o processo.

Esta decisão foi então levada à atenção do Papa, que por sua vez investigou o processo nesse ponto, e a 9 de junho de 1914 autorizou os Cardeais a iniciarem as audiências oficiais sobre o caso. Isto queria dizer que aparentemente havia razão para investigar oficialmente a reputação de santidade de Sórora Teresa.

Todo um novo processo judiciário foi então iniciado. No centro do inquérito estava a questão de saber se Sórora Teresa realmente praticara a virtude de maneira heróica, e se se podia provar existirem milagres evidentes e inegáveis em atenção a pedido dela.



Um novo tribunal foi nomeado pelo Papa, e por quase dois

meses em Lisieux. Ao todo, noventa e uma sessões foram realizadas. Quarenta e cinco testemunhas foram ouvidas, além de consultados cientistas e médicos das pessoas que tinham sido objeto dos milagres.

Uma vez mais, toda essa informação foi reenviada a Roma e cuidadosamente ponderada. Juristas pró e contra a declaração de santidade tiveram permissão para argumentar pró e contra. O Advogado do Diabo teve muito pouco a que se agarrar, mas fez como melhor pôde.

Pretendeu que Sórora Teresa era doente, e deu a entender que ela era neurótica. Desde a idade de dez anos ela ficara definitivamente doente, condição que se originara nela desde a morte de sua mãe. Os médicos tinham sido incapazes de diagnosticar a precisa natureza física dessa doença. Esta subitamente desapareceu, antes de ela entrar para o convento, em resposta a preces feitas a Maria, Mãe de Deus. O Advogado do Diabo pretendeu que ela nunca se restabeleceria normalmente dessa doença.

E milagres

Era bastante pouco. Ainda para satisfazer o Advogado do Diabo, as testemunhas foram ouvidas. Atestaram que Sórora Teresa sempre fôra mansa e humilde, paciente e amável, de temperamento uniforme e cheio de alegria durante toda a sua vida de convento. Qualquer que ti-

vesse sido a sua doença, ela se restabelecera completamente dela antes de entrar para a sua vida no convento. Certamente ela não era nem anormal nem neurótica.

Veio então o tempo de examinar os reputados milagres que se haviam operado em resposta a orações de pessoas que pediam o auxílio da intercessão dela junto a Deus. Antes da sua morte, ela tinha dito com candura inteiramente simples: "Passarei meu céu fazendo bem na terra". Depois da sua morte, ocorrências inteiramente surpreendentes começaram a produzir-se no mundo inteiro. Do vasto número delas assim relatadas, duas foram escolhidas para exame.

Ora, a Igreja Católica não tem interesse em examinar apenas fatos inusitados. Pessoas são curadas todo dia pela ciência médica, muitas vezes de maneira extraordinária. Novas drogas são descobertas, e não sabemos quantas mais o serão no futuro. O que sabemos perfeitamente é que, se sem qualquer tratamento médico pessoas são curadas de doenças incuráveis, então temos aí algo de cientificamente inexplicável.

Charles Anne, um jovem que estudava para o sacerdócio, tinha sido acometido de um sério caso de tuberculose pulmonar. O diagnóstico revelara cavidades nos pulmões, e o seu estado era desesperador. Então, em resposta a orações feitas a Sórora Teresa, em 1917 ele ficou súbita

e completamente curado de toda essa doença.

Irmã Louise Gennaro, de Saint-Germain, foi vítima de uma severa úlcera gástrica. Também se restabeleceu instantânea e completamente, depois de rezar à "Florzinha de Lisieux", como Sórora Teresa começava a ser conhecida.

Investigação profunda

Essas duas curas relatadas foram examinadas com toda a exactidão científica possível. Médicos foram citados e interrogados. O tribunal quis saber se aquelas pessoas estavam realmente doentes, ou se tinham apenas doenças imaginárias. As vezes as pessoas são curadas de doenças mentais que têm uma reacção física sobre elas, e a cura parece então extraordinária. Foi sabido que as doenças, nos dois casos citados, eram inegavelmente físicas — não havendo nelas nada de mental.

A própria natureza, em certas crises de doença, produz restabelecimentos notáveis. Um homem que sofre de pneumonia chega a uma crise na sua doença. Se sobrevive, o seu restabelecimento pode ser inteiramente rápido. Daí haver a investigação, nos dois casos em questão, considerado se as doenças eram de tal natureza que se devesse esperar um rápido restabelecimento. Obviamente não eram tais: tuberculose e úlceras não são doenças críticas.

Mas talvez as curas tivessem sido devidas aos tratamentos que

as pessoas receberam. Talvez o médico tivesse feito alguma coisa, possivelmente mesmo alguma coisa inteiramente errada, e o resultado teria sido então produzir uma cura onde o tratamento aprovado poderia não ter dado resultado. A Igreja Católica faz questão de que o paciente não tenha usado tratamentos, para que tal suspeita não ocorra. Nos casos em questão, verificou-se que não fôra empregado nenhum tratamento médico que pudesse ter afetado o desfecho.

Evidência de curas

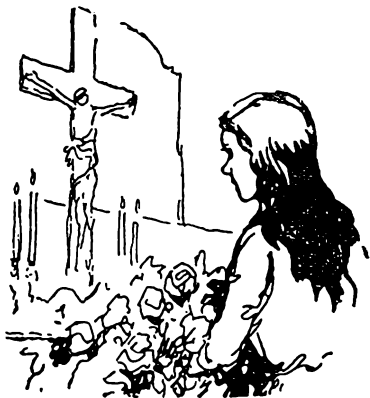
Finalmente, as curas foram súbitas. Muitas vezes as pessoas se restabelecem de úlceras, mas só depois de uma longa série de tratamentos. Sôror Louise foi curada *instantâneamente*. Para tuberculose adiantada não há cura completa. Contudo, Charles Anne foi *completamente* restituído à saúde.

Eles não haviam experimentado um súbito surto de entusiasmo religioso e pensado estar curados, sômente para mais tarde perceberem que a velha doença ainda estava nêles. Isto muitas vezes tem ocorrido em "curas de fé" e quejandas. Os médicos estão familiarizados com a espécie de paciente que pode imaginar doenças quando está bom e imaginar curas quando está doente. Mas o tempo desmente êsses tais. Os de que tratamos foram curados e ficaram curados. Cinco anos decorreram en-

tre as curas em 1917 e a decisão final em 1923.

Finalmente, outra investigação foi feita sôbre a honra que estava sendo tributada a Sôror Teresa, para se ter certeza de que, mesmo então, ninguém se antecipava à decisão da Igreja.

Tôdas essas matérias foram séria e minuciosamente consideradas pelas mais altas autoridades em Roma. Três reuniões de Cardeais foram efetuadas e os seus votos tomados. Finalmente, a 19 de março de 1923 chegou-se à decisão de que o Papa podia com segurança proceder à beatificação de Sôror Teresa. O próprio Papa então tomou seu partido, e decretou que se efetuasse a 29 de abril de 1923 a cerimônia da beatificação.



A beatificação é um pronunciamento, pelo Papa, de que podem ser prestadas honras religiosas a um servo de Deus por alguma diocese particular ou alguma organização religiosa. Fun-

damentalmente, ela é uma questão de administração. Não autoriza uma pessoa a ser chamada santa, nem envolve o poder de ensinar sem erro que o Papa possui.

O passo final é chamado canonização. Por êle a pessoa designada é, oficialmente e sem qualquer possibilidade de erro, declarada estar no céu, e é também declarado seguro para todos o seguir o exemplo dêle ou dela. Ao mesmo tempo é possibilitada uma veneração mundial ao nôvo santo.



A finalidade do duplo passo da beatificação e canonização é conceder tempo para que ocorra qualquer possibilidade de erro (é claro como seria improvável tal coisa), e aguardar novos sinais de Deus na forma de milagres, para provar que a pessoa beatificada está realmente gozando a visão de Deus no céu.

«A Florzinha» de Lisieux

As investigações no caso de Santa Teresinha foram relativamente simples. Dois milagres, dos numerosos oferecidos, foram examinados e provados. Uma senhora belga chamada Maria Pellemans foi curada de tuberculose pulmonar e intestinal enquanto, em estado quase moribundo, se ajoelhava em oração junto ao túmulo da Florzinha. Em Parma, na Itália, uma freira chamada Gabriella Trimusi foi curada de reumatismo e de tuberculose complicados com curvatura da espinha que a obrigava a usar um colête de ferro. As investigações foram completadas, pela Congregação de Cardeais designada para o caso, em 29 de março de 1925.

No domingo 17 de maio de 1925, o Papa Pio XI solenemente declarava que Sôror Teresa do Menino Jesus, conhecida como a Florzinha de Lisieux, era uma santa da Igreja Católica.

O processo delineado no caso da Florzinha de Lisieux pode parecer excessivamente complicado e fastidioso. Para os que levam longos meses colhendo provas e pesando-as, muito mais deve êle ter parecido tal. Lembremo-nos, porém, de que a causa de canonização da Florzinha de Lisieux foi excepcional. Nenhum santo, nos tempos modernos, teve o seu processo concluído em breves vinte e oito anos.

Sobrenatural

Quando tudo isso tinha sido finalmente realizado, a Igreja Católica estava certa de que Santa Teresinha levara realmente uma vida tão extraordinariamente santa, que era inexplicável sobre quaisquer fundamentos naturais de caráter ou de circunstância.

Não havia dúvida de que ela era uma mulher de gênio. O seu gênio foi no sentido de recuperar a glória da infância. Uma criança não cuida de grandes empreendimentos ou feitos; as pequenas coisas da terra é que lhe dão alegria. Uma criança pode brincar com um cachorrinho durante horas, porque vê a glória e a maravilha dêsse animalzinho.

Como o mostra a sua autobiografia, Santa Teresinha tinha um entusiasmo inteiramente notável por todas as coisas pequenas da terra. A sua imaginação era viva e alegre; só os seus desejos é que eram de grandeza.

Tudo isto era natural. A Igreja não a canonizou por capacidade natural. O que nela era sobrenatural era o modo como ela aplicava todo êsse gênio natural a um fim sobrenatural. Cedo ela decidiu que devia ser santa; nada menos a satisfaria.

Porém ela sentia que não poderia ser uma santa que fizesse maravilhas por Deus neste mundo. Procurou alguma pequena trilha para se fazer santa, e achou-a. Cristo dissera: "Se

não vos fizerdes como as crianças, não entrareis no reino dos céus". E Teresinha achou a sua trilha para o Céu como uma criança.

Ora, a marca da infância é o completo abandono à mãe e ao pai. Uma criança tudo espera deles: Santa Teresinha tudo esperou de Deus, abandonando-se completamente à vontade e aos caminhos dEle. Quando os seus acariciados planos para entrar no convento foram contrariados, ela se dispôs a aceitar essa decisão. Quando se achou vivendo no convento com mulheres cujas pequenas faltas lhe sacudiam os nervos, de bom grado aceitou isto, e era muito afável para com aquelas de que menos gostava. Dela nunca saiu uma palavra de queixa.



Os deveres que lhe eram designados no convento eram mui-

to simples — varrer, espanar, lavar roupa e assim por diante. Teresa era consumida pela idéia de salvar almas. Mas compreendeu que a trilha de Deus devia ser a sua trilha, e obedecia com uma boa-vontade tão completa e feliz, que parecia não ter vontade própria.

Tinha uma humildade simplesmente espantosa. Essa humildade era composta de uma clara intuição de criança sobre a sua própria dignidade, e de um juízo maduro de que nada do que ela era vinha de si mesma; tudo vinha de Deus. Quando estava mor-

rendo, disse que iria para o céu e de lá faria cair uma chuva de rosas, em forma de favores, sobre a terra. Para Teresinha isto era simplesmente a verdade, e não adiantava escondê-lo. Todo o tempo ela creu que era absolutamente nada, que Deus é quem fazia tudo por meio dela.

Quando se lê a sua autobiografia e a sua vida, vem-se a conhecer o que é santidade heróica. Não é uma mera mostra de bondade; é uma manifestação daquela santidade que só de Deus vem.

Por que nós

HONRAMOS, IMITAMOS E INVOCAMOS *os Santos*

Diga-se o que se disser, as pessoas interessam-se pelos Santos. Não só os católicos mostram curiosidade pelas vidas deles, mas sim toda gente, não-católicos, até mesmo anticatólicos, e os que absolutamente não têm religião.

Alguns anos atrás, a British Broadcasting Company, na Inglaterra, patrocinou uma série de alocações feitas por Monsenhor Ronald Knox, concernentes aos santos. A Inglaterra não é um país particularmente religioso, e o assunto é um assunto impopular. Mas o efeito dessas alocações foi inteiramente surpreendente, e causou admiração até mesmo aos austeros diretores da BBC.

Por que será que os santos têm tão largo atrativo? Será que o povo inconscientemente sonha que a sua vida poderia ser como a dos santos? Será que ele mede a sua incerteza, confusão e frustração pelos santos que trilham com passo seguro uma senda que levava direito a uma meta conhecida? Será que, no meio dos seus apuros, eles desejariam poder enfrentá-los como o fizeram esses homens e mulheres que pareciam ter maiores apu-



ros? Será que eles anseiam por trilhar essas sendas secretas e misteriosas da experiência mística que tantos santos trilham, mas que ficam sendo para outros um desvio intrigante, embora perdido?

"Minha vida poderia ser como essa", parece dizer o leitor das vidas dos santos, "não monótona, não

cheia de lamuriasas transigências, não devoradas pelo verme da inveja ou da cobiça, ou pelo lobo voraz da lascívia, mas sim gloriosa e grande".

O mundo está sempre a dizer com Santo Agostinho: "Se outros o fizeram, por que não posso fazê-lo eu?" E' por isto que os santos devem ter sempre atração para todos os homens. Por mais céptico que um homem seja, não pode negar a possibilidade de a felicidade residir nessa improvável direção. Aí residiu ela certamente para os santos.

O incitamento a imitar essa gente é forte e o instinto é profundo. Desde o tempo de crianças, nós, católicos, aprendemos muitas lições boas e sólidas pela imitação.

Mas devemos imitar o modelo genuinamente bom. Nada é

mais nocivo do que aprender penosamente um saber e depois finalmente descobrir que o modelo era defeituoso e o saber elevado de inépcia na sua própria fonte.

Por isto, imitando a virtude humana, devemos ter a certeza de que o modelo é bom. Há grande perigo nisso, porque nada se parece tanto com a coisa real como a contrafação.

No desejo de alcançar a felicidade, os homens deformaram a verdade da doutrina cristã. Alguns, que pareciam muito santos, disseram que Deus é um Deus temível, e que por isso o homem deveria ficar tão longe dEle quanto possível. Outros puseram grande energia em fazer bem aos outros, mas se esqueceram da necessidade de aperfeiçoar o seu próprio espírito.

Muitas dessas pessoas esforçaram-se por alcançar o céu; mas algumas tomaram a trilha errada. Certamente, a Igreja que Jesus Cristo fundou deve ter algo a dizer sobre este importantíssimo problema do destino humano.

A Igreja assegura

A Igreja Católica está cônica dessa obrigação, e sabe que tem um poder divinamente dado para distinguir entre a piedade verdadeira e a falsa, para separar o santo do pecador, e assim cunhar, com aprovação, modelos que possam ser seguramente imitados.

Anteriormente descrevemos a laboriosa investigação que a

Igreja Católica leva a efeito sobre a reputada santidade dos seus membros. A prudência humana certamente não poderia fazer mais para se certificar de haverem essas pessoas sido verdadeiramente santas.

Mas, quando a Igreja Católica finalmente pronuncia de modo solene que alguém é um santo, não se apóia apenas na prudência humana. Tem em mão clara evidência disso na forma de milagres operados por Deus pela intercessão do santo em perspectiva. Este é o selo da aprovação divina sobre a santidade da pessoa investigada.

Cristo disse à sua Igreja: "Eis que eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos" (Mt 28, 20). Esta é uma promessa de especial auxílio divino para a Igreja. Por causa dessa promessa, ao canonizar um santo, a Igreja Católica é infalível; isto é, não pode cometer erro — não pode transviar a Igreja inteira.

Os Santos no céu

O decreto de canonização de Santa Teresa do Menino Jesus — do qual falamos no capítulo precedente — confirma, sem sombra de dúvida, que ela certamente está no céu, e que a imitação das suas virtudes é um caminho seguro para que todos também ali cheguem.

Fora de qualquer dúvida, os santos estão no céu. Ora, é verdade que existe uma barreira entre os mundos do céu e da

terra, porém ela não é intransponível. Para os santos, especialmente, ela é facilmente passada.

No céu os santos sabem das condições na terra. A sua felicidade no céu consiste em compreenderem a Deus. Eles participam do interesse de Deus por nós. Certamente, Deus não é indiferente ao que está acontecendo aos seus filhos da terra por êle criados. Os santos, que tanto se assemelham a Deus no seu amoroso interesse por nós, são forçados a acompanhar com consideração as nossas sortes.

Podemos invocá-los, e eles podem ouvir as nossas preces. Como? No céu todos os seus desejos razoáveis são satisfeitos pelo poder de Deus. E' razoável que eles desejem conhecer os pedidos a eles dirigidos. Deus habilita-os a conhecer as nossas preces. O tempo e a distância não são empecilho; estas de que tratamos são coisas do espírito. Por mais secreta que seja, eles conhecem a nossa prece. Querem ajudar-nos, por mais desesperada que seja a nossa necessidade.

E podem ajudar-nos. Este é talvez o fato mais importante de todos. Eles são amigos de Deus, muito chegados a êle pela sua santidade. Deus pensou tanto nêles, que os fez "participantes da sua natureza divina", como diz S. Pedro. Certamente eles têm grande influência junto ao "Pai das luzes" de quem vem "todo dom melhor e todo dom perfeito" (Tgo 1, 17).

Essa intervenção a favor de nós mortais não é imaginária. E' fato estrito. Passe-se de largo, se se quiser, por todos êsses favores pessoais que têm chovido sobre todos nós, e venha-se aos fatos públicos da história.

Os Santos podem ajudar-nos

A 7 de outubro de 1571, uma grande frota turca aproximava-se das praias da Europa com o confesso propósito de destruir o poder dos príncipes cristãos da Europa Ocidental. Em Roma e por tôda a Itália o povo reunia-se para recitar orações especiais a Maria, a Santa Mãe de Deus, pedindo a sua intervenção contra aquela nova ameaça vinda do Oriente. Naquele dia, na baía de Lepanto, contra incríveis superioridades, as forças cristãs sob o comando de Dom João d'Austria acometeram e destruíram completamente a ameaça turca. O povo cristão com razão viu no acontecimento uma prova do poder da oração a um santo.

As vidas exemplares dos santos podem ser um poderoso incentivo para que outros levem vidas boas. Nenhuma condição de vida é por demais humilde, nenhuma rotina de vida é por demais estreita, nenhum grau de malfazer é por demais profundo para estar além do remédio da santidade. Nenhuma senda da vida humana fica imperlustrada por pés santos.

Tudo o que é necessário é conhecer e querer. Conhecer as vidas dos santos é o começo da

santidade. Nas vidas dos santos há alguma que é semelhante à nossa. Nas crises que eles depa-
pararam e superaram está al-
guma semelhante à nossa neces-
sidade presente. Nós nunca es-
tamos sós; andamos com santos.

Essas vidas precisam ser es-
tudadas e invocadas. Devemos fa-
zer todo esforço humano para
nos mantermos lembrados delas.
Estátuas e quadros são grandes
auxílios para isto. Dias espe-
ciais de honra tributada a san-
tos particulares renovam o nosso
interêsse por eles. Novenas (no-
ve dias consecutivos de devoção),
demonstrações públicas especiais,
a coroação da imagem da San-
tíssima Mãe de Deus no último
de Maio, as peregrinações a ês-
se e àquele santuário, a dedica-
ção de igrejas a um santo par-
ticular — todos êstes são ape-
nas alguns dos meios honestos,
humanos, de nos ajudar a recor-
dar e imitar os santos.

Não supersticioso

Este é o resumo e substância
da devoção católica aos santos.
Certamente nós consideramos ido-
latria invocá-los como se eles
fôsem Deus e pudessem ajudar-
nos pelo seu próprio poder. Cer-
tamente acharíamos superstição
o têrmos a mostra exterior de
devoção, e depois esperarmos re-
sultados infalíveis de algum rito
mágico que pratiquemos.

Porém cada uma dessas admi-
ráveis criaturas de Deus diz-nos,
na sua maneira especial: "Po-
deis ser eternamente felizes". E

elas podem ajudar-nos a virmos
a ser felizes. Por esta razão as
invocamos e procuramos imitá-
las.

Dentro da vasta órbita dos san-
tos é natural que cada pessoa
ache alguns pelos quais sente es-
pecial atração. Estes podem vir a
ela por estarem designados para
ela de uma forma ou de outra
como padroeiros, ou pode ela
modelar livremente a sua devo-
ção àqueles a quem admira.

Tomar nomes de Santos

No Batismo, a cada criança
católica é dado o nome de um
santo. Isto é simplesmente di-
reito. A cerimônia do batismo
muitas vezes é chamada "cristi-
anizar", isto é, "fazer seme-
lhante a Cristo". E' apropriado
que um nôvo cristão tome o no-
me de um dos heróis da fé
cristã.

Além disto, o nome faz honra
ao santo, tal como um homem
na terra é honrado por ter um
filho com o seu nome. E, do
mesmo modo que um homem
acompanha com interêsse e afei-
ção a carreira do seu homôni-
mo, assim também o santo no
céu se interessa pelos seus ho-
mônimos na terra e os ajuda.

Na ocasião em que é recebido
o Sacramento da Confirmação,
os católicos às vezes juntam ao
seu o nome de outro santo. A
Confirmação introduz um homem
numa nova fase da sua vida, a
de soldado de Cristo. E' apropria-
do ter outro santo a velar por
êle na sua nova condição.

Não somente os indivíduos têm patronos, mas os grupos igualmente. A piedade cristã tem sugerido que certas profissões sejam colocadas sob a proteção de santos que tiveram similar estado na vida. Os médicos são abençoados tendo como seu padroeiro S. Lucas, "o médico caríssimo" (Col 4, 14). Santo André é o padroeiro dos pescadores, como é apropriado; S. José, dos carpinteiros; S. Marcos, dos notários (êle era secretário de S. Pedro).

Outros padroeiros foram sugeridos, numa época de fé, por ligações mais remotas. S. Cristóvão foi por muitos séculos o padroeiro dos carregadores. Mas, com a vinda do automóvel e a grande necessidade de proteção celeste que êste envolvia, tornou-se padroeiro dos motoristas. Você verá com freqüência em carros de propriedade de católicos uma medalha em honra dêle.

Há talvez um toque de alegria infantil na escolha de alguns santos padroeiros. Santo Estêvão, que foi o primeiro cristão a morrer pela sua Fé — foi apedrejado até morrer — tornou-se o santo padroeiro dos pedreiros. Dimas, o bom ladrão, tornou-se o padroeiro dos sentenciados e dos condenados à morte.

Santos favoritos

Nenhuma condição de vida deixa de ter o seu padroeiro. Os agricultores têm Santo Isidoro; os vinhateiros, S. Vicente Mártir; os caçadores, Santo Humber-

to; os sapateiros, S. Crispim. Há até um padroeiro dos comediantes, S. Vito.

Especialmente durante a Idade Média, quando a fé e uma imaginação pueril eram tão fortes, é que santos padroeiros foram designados para tantas ocupações. As uniões obreiras da época, as pequenas associações comerciais, cada uma tinha o seu santo padroeiro.

Dessa profusão de padroeiros, alguma coisa mais devia ainda derivar. Conhecendo tão bem as vidas dos santos, aquela gente escolhia certos dêles que pudessem ser invocados para necessidades especiais. Conta-se a história de S. Brás, a quem, enquanto aguardava o martírio na prisão, trouxeram uma criança em perigo de estrangulamento por causa de uma espinha de peixe que se lhe atravessara na garganta. Pela oração do santo, a aflição dissipou-se. Em igrejas católicas, a 3 de fevereiro de cada ano é dada uma bênção especial aos fiéis, rogando a S. Brás protegê-los contra as doenças da garganta.

Nossas preces ouvidas

Santo Antônio de Pádua é invocado quando se precisa de assistência para achar alguma coisa perdida. Isto aparentemente se origina de uma história de que um noviço, no mosteiro dêle, uma vez fugiu levando consigo um livro mui valioso. Pela oração de Santo Antônio, o rapaz foi colhido por uma violenta tem-

pestade. Assustado, resolveu não somente devolver o livro, mas emendar sua vida.

Não se deve imaginar que seja uma superstição infantil que sugere tais devoções. A oração pode ajudar-nos mesmo nos negócios diários mais comuns. Certamente é mais apropriado rezar a algum santo que tenha ligação, embora remota, com a nossa necessidade, do que rezar sozinho, sem o auxílio das orações dele.

Usualmente, cada católico tem alguns santos especiais que admira de modo particular, ou que têm alguma ligação com o seu trabalho. Esses êle é concitado a imitar e a invocar freqüentemente, conforme o sugerir a sua piedade.

Em épocas recentes, a Igreja Católica declarou oficialmente certos santos patronos universais de obras particulares. S. José, o pai adotivo de Cristo, é o Patrono da Igreja Católica inteira. S. Vicente de Paulo é o

padroeiro de todas as obras de caridade. Santo Tomás de Aquino é o patrono das universidades e escolas. S. Francisco Xavier e Santa Teresa do Menino Jesus são padroeiros das Missões.

Santos «Padroeiros»

Assim, todo movimento e toda boa-obra em que os homens se empenham são santificados com serem dedicados a algum santo. Por essas empresas sabemos que os santos velam com interesse e auxílio. Eles têm influência junto de Deus; e essa influência está à nossa disposição. E torna-se efetiva por meio da oração.

Sim, nós honramos os santos por estarem tão perto de Deus; imitamo-los para podermos aproximar-nos mais de Cristo; rezamos a êles para que êles juntem as suas preces às nossas, feitas ao nosso Deus que é o Pai de todos nós.

INDICE

<i>Que é um Santo?</i>	1
Verdadeiramente um santo ..	2
Santidade	4
Humildade	5
<i>A santidade vem de Cristo através da sua Igreja</i>	9
Uma grande virtude	10
Meios de santidade	12
Os sacramentos	12
Tôda a verdade	13
Certo — e errado	14
<i>"Mostre-me os seus Santos".</i>	18
Servir a Deus	19
Santidade mais alta	20
Graça mais abundante	20
Virtudes heróicas	21
Marcas da santidade	22
<i>Eis aqui Alguns Santos... e como viveram</i>	27
Sim, novos santos	28
O jurista santo	29
Riu da morte	30
Caridade, misericórdia	32
<i>Como um Santo é... canonizado</i>	36
A jovem santa	37
A história de uma alma ...	38
Nenhuma decisão apressada .	39
Necessidade de prova segura	39
E milagres	40
<i>Por que nós honramos, imitamos e invocamos os santos</i>	46
A Igreja assegura	47
Os santos no céu	47
Os santos podem ajudar-nos	48
Não supersticioso	49
Poder da oração	6
Graça generosa	7
Dada por Deus	7
Autoridade divina	15
A verdadeira Igreja	15
Um só rebanho	17
A porta está aberta	17
S. Luís de França	23
Espírito conquistador	24
Suprema alegria	24
Mais do que bondade	25
Poder de Deus	25
Obras da graça	32
Para ajudar os pobres	34
Irmãs de caridade	35
Um grande santo	35
Investigação profunda	41
Evidência de curas	42
A florzinha de Lisieux	43
Sobrenatural	44
Tomar nomes de santos	49
Santos favoritos	50
Nossas preces ouvidas	50
Santos padroeiros	51



Mas por que você não reza aos Santos?

Conteúdo:

- Que é um Santo?
- A Santidade vem de Cristo através da sua Igreja
- Mostre-me os seus Santos!
- Eis aqui alguns Santos... e como viveram
- Como um Santo é... canonizado
- Por que nós honramos, imitamos e invocamos os Santos.

Este caderno foi preparado pelos Cavaleiros de Colombo e traduzido para o português com a devida autorização.

Cum approbatione ecclesiastica